

Universidade de Évora

Departamento de Pedagogia e Educação

Portfolios Reflexivos na Formação Inicial de Professores

**- Um Estudo na Formação de Professores de Biologia e Geologia
ao Nível do Estágio Pedagógico Integrado -**

Anexos

João Maria Aranha Grilo

Orientação da Professora Doutora Constança G. Machado

Évora

2002

Universidade de Évora

Departamento de Pedagogia e Educação

Portfolios Reflexivos na Formação Inicial de Professores

**- Um Estudo na Formação de Professores de Biologia e Geologia
ao Nível do Estágio Pedagógico Integrado -**

Anexos

João Maria Aranha Grilo



142290

Orientação da Professora Doutora Constança G. Machado

Évora

2002

Índice de Anexos

Anexo I

Guião da Entrevista aos Professores Estagiários Relativa à Primeira Fase do Estudo 282

Anexo II

Protocolos de Duas das Entrevistas Relativas à Primeira Fase do Estudo..... 285

Anexo III

Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas Relativas à Primeira Fase do Estudo..... 300

Anexo IV

Protocolo de Uma das Entrevistas Relativa à Segunda Fase..... 337

Anexo V

Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas Relativas à Segunda Fase do Estudo..... 348

Anexo VI

Orientações para a Construção do Portfolio..... 359

Anexo VII

Perfil de Competências do Professor Estagiário..... 374

Anexo VIII

Grelha de Avaliação do Professor Estagiário Através do Portfolio..... 380

I

**Guião da Entrevista aos Professores Estagiários
Relativa à Primeira Fase do Estudo**

Guião das Entrevista aos Professores Estagiários

Primeira Parte – Dossier de estágio

Antes do início da gravação:

Objectivos:

- Legitimar a entrevista.
- Motivar o(a) entrevistado(a) para colaborar.

Procedimentos:

- a) Informar, em linhas gerais, sobre o tema do trabalho de investigação que se pretende realizar.
- b) Informar sobre a finalidade da entrevista.
- c) Solicitar a colaboração do(a) entrevistado(a) visto as suas informações serem absolutamente necessárias para a consecução do estudo.
- d) Garantir a confidencialidade das informações.
- e) Solicitar autorização para gravar a entrevista.
- f) Colocar à disposição do(a) entrevistado(a) os resultados da investigação.
- g) Agradecer a ajuda e colaboração prestadas.

Após o início da gravação:

Tema A – Reflexões sobre o estágio pedagógico enquanto processo de formação reflexiva.

Objectivos	Questões
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os momentos e os moldes em que esteve presente a dimensão reflexiva, ao longo do estágio pedagógico; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em que momentos se realizou a reflexão sobre as actividades desenvolvidas no âmbito da orientação e supervisão do estágio? 2. E em que moldes ela foi realizada? 3. Para além dos já identificados, em que outros momentos do seu dia-a-dia se questionava sobre a sua prática? 4. Foi utilizado algum instrumento que fomentasse uma reflexão individual e escrita sobre as actividades desenvolvidas (por exemplo, diários de aula, narrativas, jornais, portefolios)? 5. Alguma vez aconteceu ter esse tipo de reflexão sido realizada e sustentada por sua iniciativa pessoal?

Tema B – Reflexões sobre o processo de construção do dossier de estágio

Objectivos	Questões
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o modo como foi elaborado o dossier de estágio, ao longo do ano; • Conhecer o tempo dedicado à elaboração do dossier de estágio; 	6. Descreva o modo como foi construído o seu dossier de estágio, ao longo do ano.
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar todos os intervenientes na construção do dossier de estágio; 	7. Quem colaborou na construção do dossier de estágio?
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o contributo dado por cada um dos intervenientes na construção do dossier de estágio; 	8. Descreva o modo como cada um dos intervenientes que antes referiu colaborou na construção do dossier de estágio.
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os recursos e as fontes utilizadas na construção do dossier de estágio; 	9. Por quem foram produzidos os materiais e documentos (estratégias, recursos, planificações, etc.) apresentados no seu dossier de estágio? 10. Que fontes de consulta utilizou para a construção do seu dossier? 11. Recorreu à consulta de dossiers de estágio elaborados por outros estagiários, em anos anteriores? 12. Se sim, alguns dos recursos, ainda que adaptados, foram incluídos no seu dossier? 13. Se sim, qual a proporção, aproximada, que acabou por lhes corresponder no total do seu dossier?

Tema C – Reflexões sobre o valor atribuído ao dossier de estágio

Objectivos	Questões
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o modo como os professores estagiários entendem/valorizam o dossier de estágio; 	14. No contexto do estágio, que importância atribui à elaboração do dossier? 15. Quais são, para si, as vantagens/aspectos positivos do dossier de estágio? 16. E quais as desvantagens/aspectos negativos que lhe aponta? 17. Como poderiam ser minimizados os aspectos negativos que referiu? 18. Como se sente (como professor e como pessoa) em relação ao dossier de estágio que construiu? Acha que valeu a pena?
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e apreciar os moldes em que é feita a avaliação do dossier de estágio. 	19. Possui algumas indicações relativas ao modo como foi realizada a avaliação do seu dossier de estágio pelos seus orientadores? 20. Importa-se de as explicitar e comentar?

II

**Protocolos de Duas das Entrevistas Relativas à
Primeira Fase do Estudo**

Protocolo da Entrevista ao Professor Estagiário A (PeA)

A - Relativamente à formação reflexiva podes dizer-me em que momentos é que vocês realizaram uma reflexão sobre as actividades desenvolvidas, aqui na escola, no âmbito da orientação e supervisão? Quando é que se reuniam?

PeA - Quer dizer, nós estagiários só? Com a orientadora? Com a orientadora reuníamos uma vez por semana para ela nos por a par de tudo que nós não fazíamos a mínima ideia de como é que isto funcionava. Todas as Quartas-feiras de manhã nos reuníamos. E havia sempre assuntos a tratar, no princípio do ano com mais frequência porque tínhamos que aprender tudo, mas entretanto sempre que havia coisas a tratar. Isso com a orientadora porque nós umas com as outras sempre que tínhamos que realizar algum trabalho reuníamos e discutíamos e ponderávamos sobre as coisas, como é que as coisas se adequavam mais. Isto depois de começar-mos a conhecer melhor os miúdos porque ao princípio fazíamos coisas que... chegamos à conclusão que certas coisas.

A - Bom, mas com a orientadora discutiam aquilo que acontecia, não é? O que é que corria bem, o que é que corria mal...

PeA - Sim, todos os problemas com que nos deparávamos, as dificuldades que tínhamos, como é que havíamos de reagir numa situação ou noutra. Como as coisas iam acontecendo. Depois houve um momento em que nos reunimos com a orientadora para fazer a avaliação formativa em que ela nos perguntava o que é que achávamos neste parâmetro, no outro e no outro. Que nota é que achávamos que deveria ser atribuída.

A - E nesses momentos em que se reuniam cada uma de vocês tinha oportunidade de dizer, primeiro, dizer como é que as coisas lhe tinham corrido, não é? Depois então ouvia a opinião dos outros, ou não? Era assim?

PeA - Sim. Expúnhamos o nosso problema e depois ouvíamos as outras opiniões. Nem sempre concordávamos uns com os outros na maneira de resolver o problema mas tentávamos resolver da melhor forma tendo em conta que a orientadora já dá aulas e, pronto, sabe melhor como é que isso se resolve.

A - E para além destes momentos aqui na escola, portanto, disseste-me á pouco que vocês se reuniam. Como é que era isso, quando vocês se reuniam?

PeA - Reuníamos nas duas situações. Reuníamos antes quando tínhamos que preparar as coisas, ver o melhor modo de fazer as coisas e depois muitas vezes, não numa reunião formal de que “agora vamos trabalhar e fazer” mas discutíamos sempre. Na minha aula isto resultou, na minha nem por isso, os resultados obtidos foram bastante bons, na minha nem...nem por isso.

A - E para além desses momentos em que te reunias com as tuas colegas de certeza que havia outros momentos em que tu própria pensavas a tua prática, sobre as tuas actividades. Fazias isso?

PeA - Fazia. Fazia porque...para já, isto é tudo novo e uma pessoa parece...não se sente inicialmente preparada e como é tudo novidade e tens que aprender inúmeras coisas às vezes paramos para pensar, “mas será que fiz da melhor forma?” ou ”se calhar se tornasse a fazer não fazia assim. Claro que muitas vezes sozinha em casa punha-me a pensar como é que as coisas poderiam correr melhor.

A - Aqui no âmbito da orientação alguma vez usaram instrumentos que fomentassem uma reflexão individual e escrita. Portanto, essa reflexão que tu fazias em casa...usaram algum instrumento aqui que fomentasse esse tipo de reflexão individual e escrito, diários de aula, narrativas, portefolios?

PeA - Não.

A - Nunca usaram nada disso?

PeA - Não. Só quando tínhamos que fazer aquelas participações quando os miúdos iam para a rua é que escrevíamos o que é que eles tinham feito. Mas de resto...

A - Sim mas propriamente uma reflexão escrita sobre o que aconteceu...

PeA - Não isso...só fizemos no fim o relatório final de estágio em que reflectimos sobre uma das nossas turmas e sobre o estágio em geral.

A - E, por iniciativa pessoal também nunca chegaste a fazer essa reflexão escrita?

PeA - Não. Nunca...

A - Pensavas nas coisas, o que é que aconteceu, o que é que foi e o que é que não foi mas passar para o papel...

PeA - Não.

A - E achas que isso teria sido importante ou poderia ajudar? Nunca escreveste um diário, o teu próprio diário?

PeA - Não. Não sei, se calhar seria mas...neste ano temos sempre tanta coisa para fazer que estar a parar para escrever...não...nunca, nunca fiz isso.

A - Bem, em relação ao dossier propriamente, és capaz de me descrever o modo como foi construído ao longo do ano. Como é que construístes o teu dossier ao longo do ano?

PeA - Bem, à medida que ia-mos fazendo as planificações, as fichas, todos os materiais que utilizámos, ia-mos guardando um exemplar numa pasta e no final do ano, na altura de entrega dos dossiers – um bocado em cima do joelho, obviamente – organizámos aquilo tudo, pusemos tudo por uma ordem cronológica e tudo...todas as unidades na mesma ordem e...basicamente isso. Ia-mos tentando organizar ao longo do ano para não deixar tudo para o fim, mas no fim aqueles arranjos finais...

A - Há sempre! E quem é que colaborou na construção do dossier? No teu?

PeA - Os dossiers eram em conjunto.

A - Portanto no fundo, fizeram um dossier...

PeA - Para cada nível. Embora no 10º ano, que era o ano de regência, cada uma de nós fazia...arranjava...

A - Especificamente a sua regência...

PeA - Sim, a sua unidade, sim, as suas duas regências.

A - Portanto, a intervenção que teve foi: nas regências dela própria fazia sozinha e o resto é feito...em conjunto?

PeA - Sim, à excepção do relatório de turma e de co-direcção de turma que esse cada um fez o seu. O relatório final é que foi em grupo também.

A - E então esses recursos, materiais, portanto, as estratégias, as planificações foram produzidos exclusivamente por vocês?

PeA - Grande parte foi, embora tenhamos tirado ideias de outros dossiers, doutros anos, e mas...tirávamos a ideia mas depois produzíamos o nosso material.

A - Portanto, consultaram dossiers de outros estagiários?

PeA - Sim.

A - Para além desses dossiers que outras fontes é que usaram para construir o dossier?

PeA - Outras fontes?

A - Livros...

PeA - Sim, manuais escolares, livros científicos, alguns vídeos e nas várias actividades extracurriculares que fizemos que tivemos que, às vezes, ir a algumas instituições pedir material de apoio.

A - Portanto, alguns dos recursos que foram buscar aos outros dossiers, portanto, ainda que os tenham adaptado, acabaram por fazer parte do vosso, não é?

PeA - Sim.

A - És capaz de me indicar, mais ou menos, em, que proporção é que isso aconteceu, portanto, no total do dossier, os recursos que foram adaptados dirias correspondem a que proporção?

PeA - Não sei bem porque...aquilo, nós...por exemplo, as planificações, tínhamos uma planificação e íamos tirando umas ideias embora, mais na parte dos objectivos, mas nas estratégias, muitas vezes éramos nós que as...a maior parte das vezes éramos nós que as

fazíamos, não copiávamos nem...e os, por exemplo, as transparências íamos ver aos livros, não as copiávamos...obviamente que nos baseamos neles mas fazer assim...cópias daquilo, não!

A - Não, mas, repara, em relação às estratégias, é óbvio que vocês definiam as vossas próprias estratégias...

PeA - Sim.

A - Mas daí até chegarmos a uma estratégia totalmente original e totalmente elaborada por vocês, não é, vai uma grande até porque há sempre a consulta dum livro, dum manual, portanto, o que eu quero saber com esta pergunta é, no total das estratégias desenvolvidas –mais em relação às estratégias que propriamente em relação às planificações – que proporção é que foram buscar de ideias aos dossiers já elaborados?

PeA - Dossiers e não só, pode ser também manuais?

A - Sim, em concreto aos dossiers.

PeA - Em dossiers?

A - Mais ou menos. Só uma ideia, muito, pouco, significativo, pouco significativo...

PeA - Não muito.

A - Não muito significativo?

PeA - Não...algumas coisas, sei lá...de zero a cem para aí...sei lá...para aí 15%.

A - Alguma vez vocês sentiram da parte do orientador a ideia de que teriam que ter ideias originais para o vosso dossier? Ou seja, que era errado estarem a adaptar coisas?

PeA - Não...nunca nos disse que era errado, também nunca nos incentivou a fazê-lo.

A - Também nunca vos incentivou a fazer isso?

PeA - Não, não nos deu assim...disse-nos no entanto que havia aí os do ano passado e se quiséssemos consultar que poderíamos fazê-lo.

A - Então e quando vos disse para começarem a desenvolver as vossas próprias estratégias o que é que vos aconselhou a fazer? Não vos disse para consultarem, portanto...

PeA - Não, mas disse, por exemplo, em relação aos níveis mais baixos para fazermos muitos modelos, muitas coisas dinâmicas, porque só o ensino expositivo nem pensar, muitos modelos, foi basicamente o que ela nos...

A - Pois, deu-vos total liberdade no que respeita às fontes para as vossas estratégias, não é?

PeA - Sim.

A - Se calhar não vos disse claramente “vão aos livros, vão onde quiserem, desenrasquem-se” mas vocês subentenderam isso, não é? Subentendeste que...

PeA - Poderíamos entregar o que quiséssemos desde que não entregássemos cópias integrais das coisas, não é, que tudo o que fizéssemos fosse parte feito por nós, que não fosse copiado, suponho que sim, portanto, muitas fichas de trabalho tirávamos ideias dos livros, não...não inventávamos na totalidade as perguntas, tirávamos umas ideias daqui, umas ideias dali...

A - Agora, que importância é que tu atribuis ao dossier de estágio, assim no total, no contexto do estágio todo?

PeA - Suponho que é de certo modo importante mas é assim estilo um “bicho de sete cabeças” o teu grande objectivo no fim do estágio é entregares um dossier, que ao fim e ao cabo, chegámos à conclusão que ninguém o ia consultar, ver, analisar, nada disso. Não, não acho que seja um importante elemento de avaliação mas sim um elemento para nós consultarmos mais tarde, para termos, para saber o que fizemos e talvez se calhar daqui a uns anos eu olhe para aquilo, sei lá, agora nada disto se aplica, isto foi o que fiz no primeiro ano agora...por exemplo, uma ficha de trabalho, nem pensar agora dar isto aos meus alunos. Mas em termos de orientação acho que me vai ser útil. Mas em termos de elemento de avaliação, de certo modo, só para alguém se quiser ver, “olha fizeram isto assim, assim e assim”, mas...

A - Então se tivesses que atribuir umas vantagens ou aspectos positivos ao dossier quais é que indicavas?

PeA - As vantagens é isso, é servir de elemento de orientação, por exemplo, se eu agora para o ano leccionasse 7ºano já tinha as coisas de certo modo organizadas embora pudesse modificar, já tinha ali aquilo feito (7º e 8º) e para os meus colegas para o ano consultarem, e para emprestar, exactamente e colegas que vão estagiar e na altura pensámos que quando os entregássemos era para os orientadores os avaliarem, no entanto, suponho que não o fizeram.

A - Então e, pelo contrário, quais são as grandes desvantagens que tu apontavas aos dossiers de estágio?

PeA - Aquilo que eu te disse à bocado, é...parece que é assim: o que tens que fazer no estágio, o teu grande objectivo, é entregares um dossier e então uma pessoa anda ali a batalhar, e agora “vê lá que isto não está bem, tem que se fazer melhor” e “esta fotocópia não está bem” é sempre um trabalho...se fosse uma coisa mais informal, não tivesse que ser uma coisa tão organizadinha, tão bonitinha, talvez a fizéssemos a pensar mais, mas assim temos que... aquilo tem que estar tudo muito direitinho, acho que é um bocado um “bicho de sete cabeças”, o dossier acho que nos faz um bocado de confusão termos que entregar assim uma...

A - Portanto...dão-vos uma ideia de que aquilo é uma coisa muito importante que depois acaba por não ser, não é?

PeA - Sim.

A - E achas que passa a ideia de que o dossier vai ser no fundo um reflexo de todo o teu estágio, não é, e depois acaba por não o ser, é isso?

PeA - Exactamente, é.

A - Então como é que achas que podiam ser minimizados esses aspectos negativos de que falaste há pouco? O que é que poderíamos mudar?

PeA - Talvez não nos inculcitem tanto o espírito de que tem que obrigatoriamente fazer isso. Podíamos organizar um dossier à nossa maneira sem ter que obrigatoriamente ser este dossier...

A - Para vos servir de ajuda nos próximos anos?

PeA - Sim.

A - Mas sem a pressão de...

PeA - Sim, o dossier organizadinho e bonitinho que temos que entregar a alguém.

A - Achas que valeu a pena, portanto, sentes orgulho do dossier de estágio que fizeste?

PeA - Sinto orgulho? É como te digo, é um elemento que vou ter para me basear daqui para a frente, n. Acho que está uma coisa relativamente bem feita, não sei se pudesse, se não tivesse assim uma coisa mais ou menos pré-definida se faria de outra maneira, se calhar até fazia mas dentro do que nos foi dito que era suposto fazer acho que está...bem feito, sinto-me orgulhosa disso.

A - E achas que esse dossier que fizeste reflecte, de certa maneira, a professora que tu és e o processo por que passaste ao longo deste ano ou dá alguma indicação sobre a forma como...sei lá, como crescestes enquanto professora durante o ano?

PeA - Dá alguma indicação?...

A - Se transmite, se...

PeA - Não, assim na totalidade, não. É capaz de, se tu vires aquilo as coisas no princípio do ano não estão tão...

A - Mas tudo muito implicitamente?

PeA - Sim, sim, mas depende de quem o estiver a analisar, mas não penso que seja uma coisa objectiva, que uma pessoa veja “este fez isto assim e assim” deve ser um supra-sumo, não, não quer dizer nada: O que nos pomos ali não quer dizer que depois o nosso

desempenho tenha alguma coisa a ver com isso. A estratégia que ali definimos pode depois nem sequer ter resultado, se temos sido uma nulidade a apresentar aquilo. Não reflecte totalmente.

A - Portanto, falávamos há pouco sobre a avaliação. Tu tens indicações relativas ao modo como essa avaliação foi feita pelos orientadores, do dossier de estágio?

PeA - Os próprios orientadores, por exemplo o orientador pedagógico disse-nos logo que não o iria ver, nem sequer folhear. O orientador da Biologia folheou à nossa frente para não ficar com um peso na consciência, foram mesmo palavras dele, “pronto, já não me sinto com um peso na consciência, já olhei para isto”, foi mesmo só assim. Sabemos que, realmente, o orientador da parte de Geologia esse sim, viu o dossier de 10º ano, inclusive, entregou à nossa orientadora uma folhinha em que apontava todas as falhas, todos os erros, todos os defeitos que ele achava que não...não entendia, que não estavam bem, esse analisou ponto a ponto o dossier de 10ºano, os outros suponho que só lhes deu uma vista de olhos. A nossa orientadora foi-nos acompanhando, foi vendo as coisas que fazíamos e que íamos pondo no dossier, realmente, depois no fim viu...

A - O produto global?

PeA - O produto global. Mas .foi sempre acompanhando aquilo. Se houve alguém que fez uma avaliação daquilo que fizemos foi a orientadora da escola, isso é óbvio

A - Ela disse-vos explicitamente que ia ter em conta o dossier de estágio para a nota dela?

PeA – Não. Tínhamos que entregar um dossier bem organizado, agora que ia ter em conta...tanto mais que quando ela fez aquela avaliação e aquela grelha de avaliação que depois nos mostrou, não havia nada ali que dissesse o dossier está bom ou está mau ou está assim, assim, .não dizia lá nada, era mais o nosso desempenho na sala de aula, o nosso desenvolvimento de estratégias isso sim, por exemplo, ou desenvolvíamos em conjunto ou, relativamente ao 10º ano, desenvolvíamos as três depois ela corrigia-as...não sei...mas não está lá...está tudo...na avaliação há coisas que estão implícitas relativamente ao dossier mas não escarrapachado, olha, o dossier, bom, mau ou assim- assim.

A - Então e se tivesses que estabelecer uma relação entre o tempo e os recursos que dedicaste à elaboração do dossier e depois ao peso que ele teve na avaliação o que é que dirias?

PeA – Não, não compensa! Definitivamente o tempo que se perde a fazer e a organizar na recta final. Porque enquanto se vai fazendo vai-se pondo só assim um “molho” e depois logo se arruma, mas...não, suponho que o tempo perdido e as “mariquices” que se fizeram não! Se calhar podíamos ter aproveitado esse tempo para fazer outros recursos visuais sem ser propriamente aquilo que ia-mos por no dossier. Acho que há um bocado preocupação como é que o dossier vai ficar, bonitinho e não sei quê, se calhar noutras coisas...perder tempo com outras coisas era preferível.

A - Então e não achas estranho que apesar de ser sempre assim vocês acabem por dedicar – vocês e todos os estagiários todos os anos – acabam por, sabendo que vai

ter pouca importância, que vai ser pouco avaliado, há uma...cada um de nós, e eu senti quando estava a fazer, senti uma certa pressão para fazer o melhor possível...

PeA - Sim, sim.

A - Portanto há aqui um contracenso?

PeA - Isso não sei, talvez um dia algum estagiário se revolte e diga “eu não quero fazer isto”, não é? Mas para já é como nos dizem, no fim tens que entregar.

A - Portanto vocês sabem que aquilo não vai ter grande importância mas...

PeA - É como, por exemplo, “a avaliação desta cadeira é duas frequências e um exame”, pronto aqui “olha, entregas um dossier e vamos lá ver as tuas aulas e entregas um relatório final de estágio e é essa a tua avaliação”. É o que nos dizem no princípio do ano, depois constatámos que, ao fim e ao cabo, é só meia dúzia de aulas que os outros orientadores vêm ver, que acaba por ter peso. Acho que se dá demasiada importância a um elemento que em termos de avaliação não tem grande utilidade: Vai ter utilidade sim para nós e para outras pessoas poderem consultar, mas...

A - Sim, mas isso podia fazer-se sem esta pressão da avaliação, e da perfeição e de todos esses pormenores, não é?

PeA - Sim.

A - Vocês podiam ir fazendo ao longo do ano, construindo, como uma fonte de recursos para o futuro mas sem essas pressões?

PeA - Sim, era preferível.

A - Queres acrescentar mais alguma coisa?

PeA - Já chega? Não, não quero acrescentar mais nada.

A - Penso que referimos todos os aspectos importantes, portanto, muito obrigado!

PeA - De nada!

Protocolo da Entrevista ao Professor Estagiário D (PeD)

A - Em relação ao estágio, propriamente, podes dizer-me em que momentos é que se realizou uma reflexão sobre as actividades desenvolvidas no âmbito do estágio?

PeD - Essa reflexão era...numa primeira fase do estágio ela era feita uma vez por semana. Em que se fazia uma reunião com a orientadora da escola e essa reunião era feita, normalmente, à Quarta-feira ou à Quinta, em que se analisavam algumas das aulas a que ela tinha assistido e os trabalhos que iam sendo feitos, as planificações, as fichas, que iam sendo feitos e que nós íamos mostrando a ela e era, basicamente, assim. Depois, a partir do momento em que a regência passou a ser sumativa e não formativa, essa análise passou a ser feita – também um bocado por causa do orientador pedagógico que começou nessa altura a ir assistir com mais frequência às regências – essa reflexão começou a ser feita no final de cada aula de regência que era assistida. Continuava a haver algumas análises esporádicas em relação às aulas não de regência.

A - Mas manteve-se a reunião semanal?

PeD - Manteve-se. Tirando uma ou outra excepção, mas manteve-se.

A - Então e para além desses momentos, em que outros momentos do teu dia a dia te questionavas sobre a tua prática, a prática que estavas a desenvolver?

PeD - Eu acho que havia, não só quando se fazia um exercício ou quando se fazia uma ficha formativa – para já não falar dos testes – essa análise era feita. Mas acho que havia outra análise mais imediata que é aquela situação no fim da aula, se a aula tinha corrido bem ou não. E obviamente que aí as perguntas surgiam. A aula não correu bem porquê? O que é que não foi feito?

A - Mas tu a nível pessoal ou em conjunto com os teus colegas?

PeD - Não estou a falar em mim, em termos mais pessoais. Havia pormenores em que quando, sei lá, quando eu considerava que a falha, a possível falha, teria ocorrido por causa de um trabalho que tinha sido feito em conjunto, isso era discutido, ou pelo menos tentava-se fazê-lo. Agora quando era uma questão relacionada com o meu trabalho individual isso surgia, obviamente não posso dizer com que frequência é que surgia mas quando havia o desconforto, podia ser alguma coisa que não corre bem, porquê, o que é que se faz, o que é que não se faz, o que é que muda.

A - E fora da escola, quando estás a fazer o teu trabalho fora da escola?

PeD - Fora da escola em que sentido?

A - Em que momentos é que questionavas o que estavas a fazer, o que é que não estavas, se estava bem, se não estava...

PeD - Isso aí é mais difícil de dizer.

A - Quando estavas a planificar, quando estavas a trabalhar, quando estavas...antes de dormir a olhar para o tecto! Percebes?

PeD - Sim. Bem, eu acho que não posso apontar um momento exacto em que isso aconteceu, ou quantas vezes acontecia. Porque acho que essa preocupação acaba sempre por acontecer. Quer durante o tempo em que se está na escola, quer quando se está a pensar que amanhã vou ter aquela não sei quantos e...portanto, acho que essa análise acaba por ser uma análise mais...

A - Permanente?

PeD - Exacto. Eu, pelo menos, tentei que assim fosse.

A - E então, no vosso estágio foi utilizado algum instrumento que fomentasse uma reflexão individual e escrita sobre as actividades desenvolvidas? Do tipo dos diários de aula, das narrativas? Não usaram anda disso?

PeD - Nada disso!

A - Alguma vez sentiste a necessidade de usar esse tipo de suporte para a reflexão, portanto escrever?

PeD - Eu acho que houve momentos mais para o fim do estágio em que essa preocupação poderá ter surgido. Mas também, se calhar, só surgiu pela tomada de consciência, realmente, desse facto. Porque antes do início do estágio isso nunca apareceu como uma necessidade. Até porque é um período de adaptação e de descoberta...

A - E tudo muito rápido?

PeD - Sim. Mas passar essas preocupações para o papel nunca...nunca fiz.

A - Então, a nível pessoal, alguma vez tiveste um diário, ou uma coisa assim desse género?

PeD - Não, também não.

A - Passamos à parte da construção do dossier, propriamente. Podes descrever-me, em termos gerais, como é que foi construído o vosso dossier de estágio, ao longo do ano? E quem colaborou na construção?

PeD - Houve uma série de documentos que foram ficando logo feitos, no entanto, o grosso do trabalho, de recolha, organização e inclusive rectificar algumas coisas que estavam mal feitas e voltar a fazê-las, isso foi tudo feito, basicamente, nas semanas anteriores ao prazo de entrega. Não posso dizer que esse trabalho tenha sido um trabalho, basicamente, de grupo. Até porque, pelo facto de nós termos níveis diferentes – neste caso dois de nós termos 7º e o outro elemento ter 8º – o trabalho acabou por ser um bocado dividido. O que fez com que, se calhar, a coerência que era desejável num dossier de estágio, em que reflecte o trabalho do grupo, não fosse o mais perfeita possível. Se calhar essa coerência não se consegui atingir. Mas esse trabalho foi,

basicamente, feito por fases, e por vezes um bocado completamente desorganizadas, devido, se calhar, à tomada de consciência no fim de que havia mais coisas do que se esperava, para fazer. E não só por isso, mas também pelo facto de algumas das regras terem sido alteradas nessa altura. Coisas que nós tomávamos como certas e que se deveriam fazer assim e entregar assim, de repente dizem que não e que deverão ser feitas de outra forma. Também criou, por vezes, alguma confusão.

A - Portanto, para além de vocês, os elementos do grupo, mais alguém colaborou na construção do dossier?

PeD - Não, quer dizer, o orientador pedagógico deu uma série de dicas e de...ajudou nalgumas dúvidas que nós tínhamos. A orientadora da escola também ajudou nalgumas coisas, não muitas, mas ajudou, basicamente, pelo menos, no delinear de algumas coisas que deveriam de ter sido feitas. Mas, se calhar, em termos de pessoas que tenham ajudado mais, terá sido o orientador pedagógico.

A - Vocês, como disseste – só para clarificar – distribuíram o trabalho mais ou menos de acordo com os níveis que cada um tinha?

PeD - Exactamente. Alguém tinha um nível, trabalha esse nível e acaba por dar o conjunto.

A - Por quem foram produzidos os materiais e recursos, todos os documentos, estratégias, planificações e outros, que foram apresentados no vosso dossier?

PeD - É assim, a maior parte das coisas foram produzidas por nós, de raiz. O que não quer dizer que não tenha havido uma série de instrumentos e de material que, não foram usados tal como estavam mas foram adaptados de trabalhos feitos, quer por colegas, quer de material retirado de livros.

A - Era precisamente a essa questão que eu ia chegar, quais foram as vossas fontes para a construção do dossier?

PeD - Foram livros, foram dossiers de outros anos, algum material que colegas de grupo da escola forneceram, sei lá, material retirado da internet, desse tipo de coisas.

A - Recorreram à consulta de dossiers de estágio elaborados por colegas vossos em anos anteriores. Portanto, os recursos que usaram, de anos anteriores, ainda que adaptados, alguns foram incluídos no vosso dossier?

PeD - Sim.

A - És capaz de estabelecer uma proporção que lhes corresponde no total do dossier?

PeD - Material adaptado de outros dossiers?

A - Sim.

PeD - Sei lá, talvez 25%.

A - Passamos à última parte desta entrevista. No contexto do estágio, que importância é que atribuis à elaboração do dossier?

PeD - Eu acho que o dossier, se fosse um trabalho feito desde o início, ou seja, logo desde o início haver uma certa necessidade de organizar e de analisar as coisas, se esse trabalho começasse a ser feito logo desde o início eu acho que o dossier de estágio seria importante precisamente por esse aspecto, de obrigar o professor estagiário...obrigá-lo a tentar manter uma organização no trabalho. Feito como é feito, na maior parte das vezes, não me parece que tenha grande vantagem, isto porquê? Porque se eu há bocado ali atrás referi que, por exemplo, cerca de 25% do material que entreguei foi material adaptado de outros dossiers anteriores, todos nós sabemos que há casos em que o material adaptado ou não adaptado mas incluído tal como estava é muito maior. Portanto nesse aspecto um dossier passa a ser apenas uma coisa que se tem que fazer mas tem que se fazer duma forma mecânica, para despachar, para entregar. E porque se tem um bocado também aquela ideia de que qualquer que seja o trabalho que se esteja a fazer, por muito bom ou por muito mau que seja o dossier pouco irá influenciar para a nota final.

A - Se tivesses que salientar algumas vantagens ou aspectos positivos do dossier o que é que dirias?

PeD - Aspecto positivo acho que é obrigar uma pessoa a organizar o trabalho e quando se está a fazer essa organização também acaba por se voltar atrás. E só o facto de se ter que pegar nas coisas que se fizeram, de se ter que organizar, também se está a analisar um bocado e acaba-se por fazer um bocado aquela análise e olhar “isto realmente não ficou muito bom assim, se tivesse, se calhar, se tivesse feito de outra forma”. Portanto aí nesse aspecto de organização e tendo logo uma pequena análise do trabalho feito, parece-me um dos aspectos positivos. Se calhar, até o mais importante. Se quiseres um aspecto negativo?...

A - Quero, era precisamente a próxima questão.

PeD - Se calhar o aspecto mais negativo é que, pelo que me parece, a impressão que eu tenho é que, pelo menos no meu ano e, provavelmente, nos anos anteriores também isso terá acontecido e, se calhar, é o que vai acontecer ainda – esperemos que não – mas, se calhar vai acontecer durante alguns anos, é que o dossier parece mais um “fardo”, um “fardo” que tem que ser feito mas que, se calhar, pensando bem – isto agora é um bocado...saindo assim de fora do meu pensamento – mas, se calhar, se formos pensar bem, tão importante é eu colocar um mapa de conceitos feito por mim como tirar doutro livro porque...o que eu estou a pensar é que vou meter isto no dossier mas, no meio de tantas folhas, no meio de tantas páginas, tanto texto, se calhar não vão dar por aquele erro, portanto! Ou, se calhar, eu teria que incluir um determinado instrumento mas perdi-o, ou não sei o que é que lhe fiz, ou...”pá, não faz mal porque, em princípio, ninguém vai dar por aquela falha. Parece-me que é essa a visão actual que se tem do dossier de estágio. Um fardo que se tem que fazer, bem ou mal, com falhas ou sem falhas, mas para despachar, para entregar, para passar à próxima fase.

A - Tens alguma sugestão para o modo como poderiam ser minimizados esses aspectos negativos? O que é que se poderia mudar?

PeD - Se calhar se o dossier não fosse tão extenso, ou seja, se fosse um trabalho feito mais localizado, em que as pessoas, precisamente por saberem que o trabalho era menos, teriam mais prazer e teriam mais cuidado em fazê-lo e se calhar ai evitava-se o trauma que é os quinze dias anteriores à entrega do dossier em que vai tudo o que tem à mão e despacha-se. Se for uma coisa curta, se calhar, só por ai, pode dar mais prazer a fazer e então ai já se resolvem alguns desses problemas.

A - Como é que te sentes, como professor e como pessoa, em relação ao dossier de estágio que tu construístes? Achas que valeu a pena?

PeD - Eu, ainda há pouco tempo estive a rever o dossier, há muita coisa, aliás, se calhar atrevo-me a dizer que bem mais de metade das coisas que estão naquele dossier, que se eu fosse fazê-lo agora, não teria incluído daquela forma, ou teria tentado mudar: Acredito que o dossier, naquele momento, foi o trabalho possível, e não se fez mais e melhor por variadíssimas coisas mas...pronto, foi o trabalho possível. Porque, realmente, há muita coisa que eu olho, neste momento olho, passados estes meses sobre esse problema do dossier e eu olho para aquilo e, realmente, vejo que há ali coisas que se fosse eu, por exemplo, a ter que avaliar aquele trabalho, colocar-me na posição do avaliador, ter que olhar para aquilo e dar-lhe uma nota, e ver o que é que se passava, eu via muita coisa que me deixaria um bocado desapontado. Portanto, sei que há ali coisas que neste momento não as faria daquela forma.

A - Mas em termos globais, achas que valeu a pena?

PeD - Valeu por aquela razão que eu te dei de ajudar a organizar-me e a analisar. Em termos práticos penso que não me tornou nem mais rico nem mais pobre.

A - Não contribuiu para o teu desenvolvimento e crescimento como professor?

PeD - Da forma como está, penso que não, para além da tal reflexão sobre as coisas...

A - Mas achas que esse dossier reflecte, de certa maneira, o professor que tu és?

PeD - Penso que não. Mas isso penso que nenhum dossier poderá reflectir sequer. Já nem digo o que é que uma pessoa é como professor. Digo mais, que o dossier não reflecte o trabalho que foi feito.

A - Nem reflecte o teu desenvolvimento, nem o que cresceste?

PeD - Não, não reflecte nada disso. Porque acaba por ser apenas um agrupar de material diverso, com uma sequência minimamente lógica para ser entregue.

A - Tens alguma indicação relativamente ao modo como foi feita avaliação do teu dossier de estágio por cada um dos orientadores?

PeD - Não faço a mínima ideia. Discuti algumas vezes com a orientadora da escola, precisamente na tentativa de saber, um bocado, como é que iria ser feita essa avaliação. A única coisa que me foi dita é que havia critérios para o fazer mas que esses critérios também dependiam de cada um dos orientadores. Não tive mais resposta nenhuma, não

faço a mínima ideia de como é que esse trabalho foi avaliado ou sequer se foi efectivamente avaliado.

A - Portanto, nenhum dos orientadores vos deu um *feedback* sobre a avaliação que fez do dossier? Nem a própria orientadora da escola?

PeD - Nem a própria da escola, não.

A - Nem está bem, não está bem?

PeD - Não, não fez nenhum comentário desse género.

A - Queres acrescentar alguma coisa que eu não tenha perguntado?

PeD - Não. Gostava apenas de deixar mais marcado aquilo que há pouco tu referiste, que o dossier não reflecte, penso eu, em nada, o trabalho que se fez durante o ano. Precisamente pela facilidade com que eu copio uma ficha, pela facilidade com que eu fotocopio um exercício de um livro e posso incluí-los quase que dizendo que são feitos de raiz. Para além do facto de também a reflexão que se faz, a reflexão crítica que se faz, sou eu a fazê-la, portanto, não tenho ninguém para dizer que aquilo está certo. Se eu digo que durante o ano todo tive sempre uma curva crescente de aproveitamento na turma e de funcionamento interno da turma e tudo, não há também...

A - Não há nenhum meio para mostrares isso?

PeD - Não há. A única forma que eu penso que isso pudesse ser feito era se houvesse sempre um orientador ou alguém que estivesse sempre a verificar esse progresso. Como isso é praticamente impossível de ser feito, não...essa reflexão crítica e o dossier acabam por não reflectir em nada o meu trabalho. Se estive bem, se estive mal, se fiz muito, se fiz pouco.

A - Então, muito obrigado.

III

Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas Relativas à Primeira Fase do Estudo

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário A

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário A
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola	“Com a orientadora reunimos uma vez por semana para ela nos pôr a par de tudo porque nós não fazíamos a mínima ideia de como é que isto funcionava...”
	CR2 – Reuniões de avaliação formativa	“...houve um momento em que nos reunimos com a orientadora para fazer a avaliação formativa...”
	CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“...nós umas com as outras sempre que tínhamos que realizar algum trabalho reuníamos e discutíamos e ponderávamos...”
	CR4 – No final de cada aula de regência	“Expúnhamos o nosso problema e depois ouvíamos as opiniões...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“Claro que muitas vezes, sozinha em casa punha-me a pensar como é que as coisas poderiam correr melhor...”
	CR1 – Sozinho em casa	
	CR2 – No final de cada aula	
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR3 – Numa pausa da actividade	
	CR1 – Nunca foram usados	“Não”
	CR2 – Só no relatório final de estágio	“...só fizemos no fim o relatório final de estágio em que reflectimos sobre uma das nossas turmas e sobre o estágio em geral...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR1 – Nunca foi feita	“Não. Nunca...”
	CR2 – Não foi feita por falta de tempo	“...neste ano temos sempre tanta coisa para fazer que estar a parar para escrever...não...nunca fiz isso...”
	CR3 – Pequenas notas sobre as aulas	
	CR4 – Feita com regularidade	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário A

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário A
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	<p>CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final</p> <p>CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio</p>	<p>“...à medida que ia-mos fazendo as planificações, as fichas...ia-mos guardando um exemplar numa pasta...”</p> <p>“...no final do ano, na altura da entrega dos dossiers – um bocadinho em cima do joelho – organizámos aquilo tudo, pusemos tudo por uma ordem cronológica e tudo...todas as unidades na mesma ordem e...basicamente isso...”</p>
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	<p>CR1 – Os professores estagiários</p> <p>CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários</p> <p>CR3 – Alguns orientadores</p>	
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	<p>CR1 – Todos os estagiários, em conjunto</p> <p>CR2 – Individualmente, no caso das regências</p> <p>CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas</p>	<p>“...cada um de nós fazia...arranjava [...] a sua unidade, sim, as suas duas regências...”</p>
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	<p>CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos</p> <p>CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet</p> <p>CR3 – Sébentias e trabalhos realizados na universidade</p> <p>CR4 – Material fornecido por colegas da escola</p>	<p>“...embora tenhamos tirado ideias de outros dossiers, doutros anos...”</p> <p>“...manuais escolares, livros científicos, alguns vídeos...”</p>
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	<p>CR1 – Adaptados de outros dossiers</p> <p>CR2 – Não foram utilizados</p>	<p>“...poderíamos entregar o que quiséssemos desde que não entregássemos cópias integrais das coisas, não é, que tudo o que fizéssemos fosse parte feito por nós, que não fosse copiado...”</p> <p>“...algumas coisas, sei lá... de zero a cem para aí...sei lá...para aí 15%...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário A

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Exemplos de Citações do Professor Estagiário A	
Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância
	CR2 – Tem alguma importância
	CR3 – Sem grande importância
	CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho
	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido
	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR1 – Fraco elemento de avaliação
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação
	CR4 – Consome muito tempo
	CR5 – Sai caro em termos económicos
	CR6 – Promove atitudes de acomodação
	CR7 – Cria uma grande pressão
	CR8 – Contem elementos supérfluos
	CR9 – É um fardo a carregar
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido
	CR11 – Não há critérios claros para a sua construção
	CR12 – É monótono e pouco criativo

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário A

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário A
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença dos orientadores</p> <p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p> <p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p> <p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p>	<p>“...o teu grande objectivo no fim do estágio é entregares um dossier, que ao fim e ao cabo, chegámos à conclusão que ninguém o ia consultar, ver, analisar, nada disso...”</p> <p>“...na altura pensámos que quando os entregássemos era para os orientadores os avaliarem, no entanto, suponho que não o fizeram...”</p> <p>“Podíamos organizar um dossier à nossa maneira sem ter que, obrigatoriamente, ser este dossier...”</p> <p>“...se fosse uma coisa mais informal, não tivesse que ser uma coisa tão organizadinha, tão bonitinha, talvez a fizéssemos a pensar mais...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p> <p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p>	<p>“...acho que está uma coisa relativamente bem feita...”</p> <p>“...dentro do que nos foi dito que era suposto fazer acho que está...bem feito, sinto-me orgulhosa disso...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	<p>“...por exemplo o orientador pedagógico disse-nos logo que não o iria ver, nem sequer folhear”</p> <p>“O orientador da Biologia folheou à nossa frente para não ficar com um peso na consciência, foram mesmo palavras dele, “pronto, já não me sinto com um peso na consciência, já olhei para isto”, foi mesmo só assim...”</p> <p>“Sabemos que, realmente, o orientador da parte de Geologia esse sim, viu o dossier de 10º ano... os outros suponho que só lhes deu uma vista de olhos...”</p> <p>“...se houve alguém que fez uma avaliação daquilo que fizemos foi a orientadora da escola, isso é óbvio...”</p>
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	<p>“...[o orientador da Geologia] entregou à nossa orientadora uma folhinha em que apontava todas as falhas, todos os erros, todos os defeitos que ele achava que não...não entendia, que não estavam bem, esse analisou ponto a ponto o dossier de 10ºano...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário B

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário B
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola CR2 – Reuniões de avaliação formativa CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“... semanalmente reuniamos com a orientadora e com as outras colegas...” “... e nós, mesmo umas com as outras fazíamos alguns pontos, às vezes referíamos “olha aquela aula correu, faz assim que os alunos gostam mais”, “experimenta assim” ...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR4 – No final de cada aula de regência CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“... ia-mos fazendo um ponto da situação, fazendo uma análise das aulas...” “E mesmo, por exemplo, nós também tínhamos por hábito pensar o que é que resultava melhor ou pior, pronto, fazíamos uma análise...”
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa	“O que é que resultava melhor, o que é que não resultava tão bem, o que é que eu achava mais interessante desenvolver determinadas coisas, determinados assuntos e tudo, sim...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR2 – No final de cada aula CR3 – Numa pausa da actividade CR1 – Nunca foram usados CR2 – Só no relatório final de estágio	“Não... com a [orientadora] fazíamos algumas análises mas nunca em termos escrito...s” “... nunca estávamos a fazer um relatório escrito, não... só no final do ano...”
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR1 – Nunca foi feita CR2 – Não foi feita por falta de tempo CR3 – Pequenas notas sobre as aulas CR4 – Feita com regularidade	“E escrever não, em termos... uma pessoa não tem tempo para isso...” “Por exemplo, no caderno, normalmente, no início da aula faço assim... além da planificação, um breve resumo do que vou fazer, faço isto, faço aquilo, faço o outro, mas em termos de depois chegar a casa e pensar se aquilo resultou ou não...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário B

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário B
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final	<p>*Bom, nós tivemos cuidado e começámos logo no início... "...tivemos sempre o cuidado de por tudo de parte, cada uma de nós ia fazendo, para já, um dossier em casa e depois houve só uns acertoziinhos..." "No final foi só uns acertos de estrutura e de...fazer umas capas bonitas..."</p>
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	<p>"Mas, pronto, foi construído entre as três..." "Directamente, por exemplo, a mãe da... ajudou-nos a digitalizar algumas imagens, ...nalgumas fotocópias, nalgumas coisas ajudou..."</p>
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR3 – Alguns orientadores	<p>"...cada uma ficava responsável, por exemplo, por uma parte, uma passava uma unidade, ou passava uma subunidade, ou uma planificação, ou uma determinada ficha, tirar logo um exemplar para o dossier..."</p>
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	<p>"...por exemplo, utilizámos alguns dossiers de outros anos..." "Manuais escolares, algum..." "Alguns livros científicos também, esses por causa de imagens, porque...determinados conteúdos ou outras coisas. ás vezes a mãe da ... pesquisava-nos alguma coisa na internet..." "...algumas planificações que nós fizemos na universidade, para Métodos e Técnicas e para Avaliação..."</p>
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	CR4 – Material fornecido por colegas da escola CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	<p>"Sim, incluímos algumas coisas, ainda que adaptados porque não fizemos cópia integral..." "Entre o muito pouco e o significativo, se calhar ai 20%..."</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário B

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Exemplos de Citações do Professor Estagiário B	
Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância
	CR2 – Tem alguma importância
	CR3 – Sem grande importância
	CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho
	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido
	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR1 – Fraco elemento de avaliação
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação
	CR4 – Consome muito tempo
	CR5 – Sai caro em termos económicos
	CR6 – Promove atitudes de acomodação
	CR7 – Cria uma grande pressão
	CR8 – Contem elementos supérfluos
	CR9 – É um fardo a carregar
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido
	CR11 – Não há critérios claros para a sua construção
	CR12 – É monótono e pouco criativo

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário B

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário B
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores</p>	<p>“Nós, neste caso, os científicos nunca vieram cá, nunca. O da Geologia veio cá cinco ou seis vezes no início do ano, no final nunca veio, existe uma evolução, eu não estou igual no início do ano ao que estou agora. O que é que eles viram? Nada...E depois é um dossier que conta? era preferível menos orientadores mas que estivessem presentes, que vissem, que realmente que...dessem opiniões, que as coisas corresse bem do que estar um dossier que depois não interessa para nada...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p> <p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p> <p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p> <p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p> <p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p>	<p>“Por um lado acho que valeu a pena, pronto, não, não foi...foi se calhar...este tempo que foi perdido a fazer o dossier se calhar podia ter rendido noutras coisas, mas pronto, também não foi tempo totalmente perdido...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	<p>“...o orientador pedagógico disse logo que não...que não ia perder muito tempo, que nem tinha tempo, tinha três núcleos e tinha três dias para ver, pronto. Que se calhar nem via, ele disse mesmo. “não percam muito tempo, não gastem muito dinheiro, que é pouco, que eu nem olho para eles” ...”</p> <p>“O da Geologia, sim senhora, viu o dossier, viu tudo, viu o de 10ºano todo, esteve os erros todos, a encontrar tudo, queria índice e coisas assim, pronto...”</p> <p>“A da Biologia pediu-nos só um relatório sobre uma visita e não queria saber dos dossiers...”</p>
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário C

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Exemplos de Citações do Professor Estagiário C		
Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola	“Com a orientadora reuniamos uma a duas vezes por semana...”
	CR2 – Reuniões de avaliação formativa	
	CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“E nós umas com as outras reflectiamos todos os dias...”
	CR4 – No final de cada aula de regência	
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“...à Quarta-feira de manhã, analisávamos as planificações e por vezes ela dava-nos sugestões para nós melhorarmos, outras vezes nós propúnhamo-lhe umas diferentes e assim conseguíamos, mais ou menos, arranjar soluções...” “Também analisávamos as aulas passadas...”
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa	“Sei lá, todos os dias pensava no que é que tinha feito, o que é que poderia melhorar e como é que poderia melhorar...”
	CR2 – No final de cada aula	
	CR3 – Numa pausa da actividade	
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR1 – Nunca foram usados	“Não...”
	CR2 – Só no relatório final de estágio	
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR1 – Nunca foi feita	“Também nunca pensei em passar para o papel...”
	CR2 – Não foi feita por falta de tempo	
	CR3 – Pequenas notas sobre as aulas	
	CR4 – Feita com regularidade	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário C

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário C
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	“... nós íamos planificando a médio-prazo, íamos colocando no computador e algumas coisas íamos colocando no dossier. Fomos construindo a pouco e pouco...” “...[no fim] sentimos muito... falta de tempo...”
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR1 – Os professores estagiários CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários CR3 – Alguns orientadores	“...a [orientadora] também nos ajudou nalgumas coisas...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	“...para passarmos a computador também nos distribuíamos, tipo, uma passava um mapa de conceitos outra passava uma planificação, outra passava uma ficha. Conseguimos mais ou menos sempre distribuir e fazer...”
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola	“Sim, de anos anteriores. Recorremos, também. Mais ou menos para ver como é que estava orientado, para ver como é que tinham feito. Tiramos ideias...” “Alguns livros científicos, algumas enciclopédias, manuais escolares...” “...manuais que tínhamos da universidade, apontamentos...”
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	“Quer dizer, totalmente iguais, não. Mas houve partes que nós tirámos e adaptámos, sim” “Para ai uns 15%...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário C

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário C
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância	
	CR2 – Tem alguma importância	
	CR3 – Sem grande importância	
	CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância	
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras	“...é bom, para o futuro. Posso lá ir buscar as fichas que já fiz, mais ou menos orientar-me com os tempos lectivos, ver onde é que é mais importante incidir sobre uns aspectos do que outros, acho que até é importante...” “...ter um elemento de consulta no dia-a-dia...”
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho	
	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido	
	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários	
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR1 – Fraco elemento de avaliação	“...[o orientador pedagógico] disse-nos montes de vezes “ah, não se preocupem, não gastem fotocópias a cores que eu nem vou olhar para aquilo”, uma pessoa sente-se desanimada, é claro, andou um ano inteiro a trabalhar para o dossier e depois chega-se ao fim e ao cabo eles nem vão olhar ou nem vão dar[valor] nenhum...”
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é	
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação	
	CR4 – Consome muito tempo em relação à importância que lhe é dada	“A pessoa ter aquele “xis” tempo para fazer e ter que por vezes incluir coisas que não são essenciais...” “Sim, uma pessoa perde muito tempo a ter que fazer o...”
	CR5 – Sai caro em termos económicos	
	CR6 – Promove atitudes de acomodação	
	CR7 – Cria uma grande pressão	“Uma pessoa até anda sempre numa pressão muito grande por ter que o fazer...” “Acho importante a pessoa fazer as fichas, aprender como se faz, planificar a médio-prazo a ver como é que se faz... assim é importante agora uma pessoa ter a obrigatoriedade de fazer o dossier acho que não é muito positivo, aquela pressão...” “Por exemplo, coisas que constam no dossier que não são essenciais...”
	CR8 – Contém elementos que supérfluos	
	CR9 – É um fardo a carregar	
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido	
	CR11 – Não há critérios claros para a sua construção	
	CR12 – É monótono e pouco criativo	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário C

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categories de Conteúdo	Categories de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário C
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio	
	CR2 – Construção de um dossier mais informal	
	CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores	
	CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier	“Sei lá, a pessoa saber mesmo o que é que tinha que constar no dossier. Não era... fazer porque o outro fez ou porque diz que é assim, a pessoa ter mesmo algo...” “Tipo um guião para... saber o que é que devia fazer...”
	CR5 – Construção de um dossier menos extenso	
	CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos	
	CR7 – Maior articulação entre os orientadores	
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido	
	CR2 – Valeu a pena	“...acho que valeu a pena. No futuro posso consultá-lo, pode ser-me útil...”
	CR3 – Foi o trabalho possível	
	CR4 – Nenhum sentimento especial	
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores	
	CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier	“A orientadora da escola ia vendo, foi acompanhando o trabalho ao longo do ano....O da Biologia folheou-o ali na véspera, disse que tinha um aspecto bonito, sim senhor, que estava muito organizadinho. Os outros não faço ideia...”
	CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier	
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	CR4 – Ninguém avaliou o dossier	
	CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos	“...[excepto a orientadora da escola] os outros orientadores não faço ideia como é que foi...”
	CR2 – Avaliação com contornos pouco claros	
	CR3 – Avaliação clara e bem definida	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário D

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário D
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola	“Essa reflexão era... numa primeira fase do estágio ela era feita uma vez por semana...” “Em que se fazia uma reunião com a orientadora da escola e essa reunião era feita, normalmente, à Quarta-feira ou à Quinta...”
	CR2 – Reuniões de avaliação formativa	“Eu acho que havia, não só quando se fazia um exercício ou quando se fazia uma ficha formativa – para já não falar dos testes – essa análise era feita...”
	CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“... quando eu considerava que a falha, a possível falha, teria ocorrido por causa de um trabalho que tinha sido feito em conjunto, isso era discutido, ou pelo menos tentava-se fazê-lo...”
	CR4 – No final de cada aula de regência	“Depois [nas regências sumativas] essa reflexão passou a ser feita no final de cada aula de regência que era assistida...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“... em que se analisavam algumas das aulas a que ela tinha assistido e os trabalhos que iam sendo feitos, as planificações, as fichas, que iam sendo feitos e que nós íamos mostrando a ela e era, basicamente, assim...”
	CR1 – Sozinho em casa	“Quer durante o tempo em que se está na escola, quer quando se está a pensar que amanhã vou ter aquela não sei quantos e... portanto, acho que essa análise acaba por ser uma análise mais... [permanente]...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR2 – No final de cada aula	“Mas acho que havia outra análise mais imediata que é aquela situação no fim da aula, se a aula tinha corrido bem ou não...”
	CR3 – Numa pausa da actividade	
	CR1 – Nunca foram usados	“Nada disso!...”
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR2 – Só no relatório final de estágio	
	CR1 – Nunca foi feita	“Eu acho que houve momentos mais para o fim do estágio em que essa preocupação poderá ter surgido... Mas passar essas preocupações para o papel nunca... nunca fiz...”
	CR2 – Não foi feita por falta de tempo	
	CR3 – Pequenas notas sobre as aulas	
	CR4 – Feita com regularidade	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário D

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário D
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	<p>CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final</p> <p>CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio</p>	<p>“...o grosso do trabalho, de recolha, organização e inclusive rectificar algumas coisas que estavam mal feitas e voltar a fazê-las, isso foi tudo feito, basicamente, nas semanas anteriores ao prazo de entrega...”</p>
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	<p>CR1 – Os professores estagiários</p> <p>CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários</p> <p>CR3 – Alguns orientadores</p>	<p>“A orientadora da escola também ajudou nalgumas coisas, não muitas, mas ajudou...”</p> <p>“Mas, se calhar, em termos de pessoas que tenham ajudado mais, terá sido o orientador pedagógico...”</p>
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	<p>CR1 – Todos os estagiários, em conjunto</p> <p>CR2 – Individualmente, no caso das regências</p> <p>CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas</p>	<p>“Não posso dizer que esse trabalho tenha sido um trabalho, basicamente, de grupo. Até porque, pelo facto de nós termos níveis diferentes – neste caso dois de nós termos 7º e o outro elemento ter 8º – o trabalho acabou por ser um bocado dividido...”</p>
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	<p>CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos</p> <p>CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet</p> <p>CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade</p> <p>CR4 – Material fornecido por colegas da escola</p>	<p>“...foram dossier de outros anos...”</p> <p>“Foram livros,...material retirado da internet, desse tipo de coisas...”</p>
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	<p>CR1 – Adaptados de outros dossiers</p> <p>CR2 – Não foram utilizados</p>	<p>“...algum material que colegas de grupo de escola forneceram...”</p> <p>“Material adaptado de outros dossiers? Sei lá, para aí uns 25%...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário D

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo		Exemplos de Citações do Professor Estagiário D	
Categorias de Resposta			
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância		
	CR2 – Tem alguma importância		
	CR3 – Sem grande importância		“Feito como é feito, na maior parte das vezes, não me parece que tenha grande vantagem, isto porquê? Porque se eu há bocado ali atrás referi que, por exemplo, cerca de 25% do material que entreguei foi material adaptado de outros dossiers anteriores, todos nós sabemos que há casos em que o material adaptado ou... incluído tal como estava é muito maior...”
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR3 – É-lhe atribuída demasiada importância		
	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras		
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho		“Aspecto positivo acho que é obrigar uma pessoa a organizar o trabalho e quando se está a fazer essa organização também acaba por se voltar atrás. E só o facto de se ter que pegar nas coisas que se fizeram, de se ter que organizar, também se está a analisar um bocado...”
	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido		
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários		
	CR1 – Fraco elemento de avaliação		“E porque se tem um bocado também aquela ideia de que qualquer que seja o trabalho que se esteja a fazer, por muito bom ou muito mau... o dossier pouco irá influenciar para a nota final” “...se calhar, eu teria que incluir um determinado instrumento mas perdi-o, ou não sei o que é que lhe fiz, ou...pá, não faz mal porque, em princípio, ninguém vai dar por aquela falha...” “...penso que nenhum dossier poderá reflectir sequer...já nem digo o que é que uma pessoa é como professor...”
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é		
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação		
	CR4 – Consome muito tempo		
	CR5 – Sai caro em termos económicos		
	CR6 – Promove atitudes de acomodação		
	CR7 – Cria uma grande pressão		“...no meio de tantas folhas, no meio de tantas páginas, tanto texto...”
	CR8 – Contém elementos que são supérfluos		“...o dossier parece mais um “fardo” ...que tem que ser feito... que se tem que fazer, bem ou mal, com folhas ou sem folhas, mas para despachar, para entregar, para passar à próxima fase...”
	CR9 – É um fardo a carregar		“Digo mais, que o dossier não reflecte o trabalho que foi feito...” “...o dossier não reflecte, penso eu, em nada, o trabalho que se fez durante o ano. Precisamente pela facilidade com que eu copio uma ficha, pela facilidade com que eu fotocopio um exercício de um livro e posso incluí-los quase que dizendo que são feitos de raiz...”
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido		
	CR11 – Não há critérios claros para a sua construção		
CR12 – É monótono e pouco criativo			

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário D

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário D
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores</p>	<p>“A única forma que eu penso que isso pudesse ser feito era se houvesse sempre um orientador ou alguém que estivesse sempre a verificar esse progresso...”</p> <p>“...a reflexão crítica que se faz, sou eu a fazê-la, portanto, não tenho ninguém para dizer que aquilo está certo...”</p>
	<p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p>	<p>“Se calhar se o dossier fosse...não fosse tão extenso, ou seja, se fosse um trabalho feito mais localizado....Se for uma coisa curta, se calhar, só por aí, pode dar mais prazer a fazer e então aí já se resolvem alguns desses problemas...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p> <p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p> <p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p>	<p>“Acredito que o dossier, naquele momento, foi o trabalho possível, e não se fez mais e melhor por variadíssimas coisas mas...pronto, foi o trabalho possível...”</p> <p>“Em termos práticos penso que não...não me tornou nem mais rico nem mais pobre...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p> <p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	<p>“Não faço a mínima ideia. Discuti algumas vezes com a orientadora da escola, precisamente na tentativa de saber, um bocadinho, como é que iria ser feita essa avaliação. A única coisa que me foi dita é que havia critérios para o fazer mas que esses critérios também dependiam de cada um dos orientadores. Não tive mais resposta nenhuma, não faço a mínima ideia de como é que esse trabalho foi avaliado ou sequer se foi efectivamente avaliado...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário E

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário E
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola CR2 – Reuniões de avaliação formativa CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“A nível de grupo, geralmente reuníamos pelo menos uma ou duas vezes por semana...” “...quer com a nossa reflexão pessoal quer com a ajuda daqueles que nos acompanham nas diferentes aulas e que nos podem dar também um grande auxílio a superar isso...” “Havia sim a necessidade que nós tínhamos em falar entre todos sobre o desempenho de cada um, no final do dia, ou no final da semana sobre o desempenho tido nas aulas...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR4 – No final de cada aula de regência CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“...eram avaliadas, entre todos, o desempenho de cada um, quer nas diferentes turmas que leccionava e...neste caso, do estagiário que estivesse em regência em que era feita uma análise mais aprofundada do desempenho realizado, ou na semana anterior, ou nas últimas aulas...” “Sempre me questioneei com o meu desempenho...”
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa CR2 – No final de cada aula CR3 – Numa pausa da actividade	“...poderia haver um momento de paragem em que a gente possa fazer um pequeno comentário e corrigi-lo imediatamente a seguir para melhorar o desempenho...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR1 – Nunca foram usados CR2 – Só no relatório final de estágio	“Documento escrito nunca houve...”
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR1 – Nunca foi feita CR2 – Não foi feita por falta de tempo CR3 – Pequenas notas sobre as aulas CR4 – Feita com regularidade	“Não surgiu...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário E

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário E
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final	“O dossier foi construído desde o primeiro dia em que começámos a elaborar o nosso material...” “Foi sempre construído ao longo do ano, foi sempre registado num instrumento de trabalho que todos usamos que é o computador, devidamente organizado para que quando fosse necessário construir o dossier fosse só necessário dar informação para imprimir e organizar...”
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio CR1 – Os professores estagiários	“O nosso trabalho foi desenvolvido, desde o primeiro dia em que começámos o nosso estágio, em grupo...” “Houve pessoas fora do círculo, do circuito da escola que também nos ajudaram, amigos, colegas, conhecidos e até mesmo pessoas estranhas...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR3 – Alguns orientadores CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	“O trabalho, em média, podemos falar assim, foi igual para todos...”
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola	“...consultámos dossiers de outros anos...” “Manuais...”
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	“Pouco, cerca de quê, 10%, se tanto, uma ficha ou outra, uma actividade ou outra, uma ideia que era interessante e que até tinha um aspecto importante a salientar, ou que era pertinente ser adaptado naquele momento, nós adaptámos. Cerca de 10, 15%, no máximo...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário E

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário E
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	<p>CR1 – Tem grande importância</p> <p>CR2 – Tem alguma importância</p> <p>CR3 – Sem grande importância</p> <p>CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância</p>	<p>“...porque nos temos noção que o dossier...não desfazendo, a qualidade com que o apresentámos teve um papel preponderante também na definição da nossa nota...”</p>
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	<p>CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras</p> <p>CR2 – Obriga a organizar o trabalho</p> <p>CR3 – Registo do trabalho desenvolvido</p>	<p>“O dossier é o registo do trabalho desenvolvido pelo estagiário ao longo do ano. Todo o trabalho desenvolvido está lá documentado...”</p> <p>“...é a nossa imagem do trabalho desenvolvido ao longo do ano...”</p> <p>“E quem vê um dossier tem logo uma percepção da qualidade e do trabalho desenvolvido ao longo de...de um ano de trabalho...”</p> <p>“...mostra tudo o trabalho desenvolvido ao longo do ano e a partir daí podem valorizar e avaliar todo o trabalho desenvolvido no ano de estágio...”</p>
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	<p>CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários</p> <p>CR1 – Fraco elemento de avaliação</p> <p>CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é</p> <p>CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação</p> <p>CR4 – Consome muito tempo</p> <p>CR5 – Sai caro em termos económicos</p> <p>CR6 – Promove atitudes de acomodação</p> <p>CR7 – Cria uma grande pressão</p> <p>CR8 – Contém elementos que são supérfluos</p> <p>CR9 – É um fardo a carregar</p> <p>CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido</p> <p>CR11 – Não há critérios claros para a sua construção</p> <p>CR12 – É monótono e pouco criativo</p>	<p>“...não são estabelecidos critérios, e os critérios são importantes para que todos desempenhe o trabalho e sigam uma norma comum a todos e para que quando sejam comparados se tenha por base um sem número de critérios comuns para que depois quando forem avaliados seja comum a todos, neste momento isso não acontece...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário E

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário E
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores</p> <p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p> <p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p> <p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p>	<p>“...devia haver critérios comuns entre os diferentes departamentos e orientadores de escola para que se seguissem regras, metodologias, formas de idealizar e realizar o dossier comuns a todos os núcleos, para que no final, se houvesse algum desentendimento...”</p> <p>“...que seja disponibilizado, ou criada uma biblioteca ou um local de requisição, para consulta no local de todos os dossiers...”</p> <p>“Onde os colegas que virão nos anos seguintes a realizar estágio. Possam ir consultar métodos, trabalhos, estratégias, recursos...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p> <p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p>	<p>“Valeu a pena porque todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano está ali reunido...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	<p>“...os nossos orientadores fizeram questão, e tivemos confirmação disso, que os viram e foi avaliado pela parte deles...”</p> <p>“Quer o orientador da escola, o orientador da Pedagogia fez questão do ver o de nos dar uma avaliação da parte dele sobre o dossier, quer o da Geologia, o único que viu e não nos ditou assim um comentário foi o da Biologia mas fez questão também de o avaliar...”</p>
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário F

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário F
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola	“... nós todas as semanas... tínhamos pelo menos duas tardes...”
	CR2 – Reuniões de avaliação formativa	“... entre nós, grupo, discutíamos bastante porque trabalhámos muito em grupo o ano inteiro, trabalhávamos sempre bastante em grupo...”
	CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“... nós todas as semanas discutíamos sempre com o orientador, tínhamos pelo menos duas tardes sempre com reuniões com ele...”
	CR4 – No final de cada aula de regência	“Quando estava a trabalhar normalmente, quando estava a fazer, sei lá, uma ficha de trabalho, qualquer coisa, por vezes questionava-me a mim própria se aquilo iria resultar se não...” “Reflectia, reflectia para mim própria, sim...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	
	CR2 – No final de cada aula	
	CR3 – Num pausa da actividade	
	CR1 – Sozinho em casa	
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Nunca foram usados	“... Não... isso nunca fiz...”
	CR2 – Só no relatório final de estágio	“... quando tive que fazer o relatório, não é, porque se calhar havia muitas coisas que eu devia ter dito e que não disse porque não me lembrava e também devido ao cansaço que naquela altura...”
	CR1 – Nunca foi feita	“Não, nunca tive esse hábito...”
	CR2 – Não foi feita por falta de tempo	“Também se não o fiz por vezes é porque... se calhar por falta de tempo. Porque nós estávamos muito sobrecarregados...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR3 – Pequenas notas sobre as aulas	
	CR4 – Feita com regularidade	
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria		

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário F

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário F
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	“Bem, o nosso dossier de estágio começou logo por ser construído logo no início do ano porque nós optámos por pôr tudo só num único computador... a nível da construção, foi construído ao longo do ano embora no... só no final é que nós começámos a imprimir...”
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR1 – Os professores estagiários CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários CR3 – Alguns orientadores	“Fomos todos...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	“Fizemos tudo, tudo, tudo sozinhos...” “Quando alguém estava em regência os outros dois, os meus dois outros colegas, por exemplo, no meu caso, trabalhavam mais a nível da elaboração de fichas de...material, digamos assim, portanto, ajudámo-nos uns aos outros...” “Sim consultámos...”
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola	“...íamos buscar algumas ideias a livros, manuais escolares, livros científicos também consultámos bastantes...”
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	Podemos ter utilizado algumas estratégias, adaptadas, sim, alterámos sempre alguma coisa” “Sei lá, para aí 10%. Muito pouco...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário F

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário F
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	<p>CR1 – Tem grande importância</p> <p>CR2 – Tem alguma importância</p> <p>CR3 – Sem grande importância</p> <p>CR3 – É-lhe atribuída demasiada importância</p>	<p>“Para mim o dossier de estágio... tem muito valor porque eu um dia mais tarde vou sempre utilizar aquele material e nós até nos excedemos no tipo de material...”</p> <p>“...empenhei-me bastante por ter um bom dossier de estágio para me funcionar como um instrumento futuramente...”</p> <p>“...como um recurso para o futuro...”</p>
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	<p>CR2 – Obriga a organizar o trabalho</p> <p>CR3 – Registo do trabalho desenvolvido</p> <p>CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários</p>	<p>“...eu acho que não lhe dão o verdadeiro valor...”</p> <p>“Não eu penso que na avaliação não se reflectiu nada porque nós antes de entregámos o dossier já os orientadores falavam na avaliação...”</p> <p>“É muito subjectivo, porque aquilo, primeiro é construído por três pessoas, não é, mas penso que pode reflectir, não sei...”</p>
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	<p>CR2 – Diz pouco ou nada sobre o professor que se é</p> <p>CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação</p> <p>CR4 – Consome muito tempo</p> <p>CR5 – Sai caro em termos económicos</p> <p>CR6 – Promove atitudes de acomodação</p> <p>CR7 – Cria uma grande pressão</p> <p>CR8 – Contém elementos que são supérfluos</p> <p>CR9 – É um fardo a carregar</p> <p>CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido</p> <p>CR11 – Não há critérios claros para a sua construção</p> <p>CR12 – É monótono e pouco criativo</p>	<p>“Penso que já que temos que fazer um dossier que devia ser avaliado convenientemente, com uma bitola, com um...mas já que não é julgo que é desnecessário...”</p> <p>“Desvantagens, a esse nível é...é muito trabalho e pouco valorizado, sem necessidade já que ninguém olha para ele...”</p> <p>“...até gastámos...o que podíamos e o que não podíamos...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário F

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário F
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores</p> <p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p> <p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p>	<p>“...[verificamos] que não tem importância nenhuma. E deveria ter peso...”</p> <p>“...e depois darem o verdadeiro valor, pelo menos a nota haver uma certa percentagem para o dossier, já que as pessoas, pelo menos nós que nos empenhamos muito, não é...”</p> <p>“...já que nos exigem que a gente entregue um dossier, primeiro deviam dar normas, porque não existem...”</p> <p>“...fico um bocadinho frustrado quando penso que o dossier que eu realizei com tanto empenho – e foi com bastante empenho – está arquivado e fica num arquivo, acho que os nossos dossiers deviam servir, pelo menos, para os nossos colegas consultarem. E não ficarem arquivados como se encontram...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p> <p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p> <p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p>	<p>“Para mim valeu porque eu empenhei-me bastante em construir recursos...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	<p>“Nós, por exemplo tivemos um orientador que se recusou a olhar e acho que...foi um bocadinho frustrante para nós porque...”</p> <p>“Eu penso que não lhe deram importância nenhuma...”</p> <p>“...a não ser o ...penso que o orientador da escola, e a isso eu tomei atenção e sei que ele observou e viu tudo...Penso que ele, nesse aspecto, acho que nos valorizou, mas os outros orientadores penso que não lhe deram qualquer importância...”</p>
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário G

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário G
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola CR2 – Reuniões de avaliação formativa CR3 – Reuniões informais entre os estagiários CR4 – No final de cada aula de regência	“...nos dávamos as nossas aulas e depois tínhamos uma reflexão sobre as aulas...” “Fazíamos uma reflexão em grupo. No fim das aulas fazíamos uma reflexão em grupo com o orientador da escola...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“Sempre que nós leccionávamos uma aula, às vezes poderia não haver tempo logo a seguir mas depois no futuro...no dia seguinte faríamos essa abordagem, com os nossos colegas de grupo...”
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa CR2 – No final de cada aula	“Quase todos os dias quando acabava uma aula. Eu acho que é importante nós questionarmos nos sobre a aula já que nós estamos em formação e em desenvolvimento e é extremamente importante para o estagiário pensar no que correu bem e no que poderá ter corrido menos bem...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR3 – Numa pausa da actividade CR1 – Nunca foram usados CR2 – Só no relatório final de estágio	“Assim não, não! Nestes moldes não...”
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR1 – Nunca foi feita CR2 – Não foi feita por falta de tempo CR3 – Pequenas notas sobre as aulas CR4 – Feita com regularidade	“Sempre fiz uma análise crítica a mim própria, pronto eu gosto sempre de fazer uma autocritica a mim própria e gosto de passá-la para o papel para ver as coisas principais, o que correu melhor e o que correu menos bem...” “Gosto de fazer uma autocritica a mim própria e ver o que pudei melhorar porque acho que este período é um período para melhorias. Fui sempre fazendo ao longo do estágio e notei uma evolução muito grande com essa autocritica...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário G

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário G
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	“Fomos fazendo tudo por etapas... nós fizemos tudo com uma sequência ao longo do ano nós pronto...verificamos que no final de Maio tivemos muito esforço porque era muito trabalho colocar tudo no dossier...”
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR1 – Os professores estagiários CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários CR3 – Alguns orientadores	“Nós fomos sempre fazendo tudo em grupo...” “Mas basicamente fomos nós que fizemos quase tudo...” “... nós colaborámos mas também alguns orientadores nos ajudaram. Pronto, por parte do orientador da Pedagogia, por parte do orientador da escola...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	“Nós trabalhamos sempre em grupo e dávamos sempre...cada um dava a sua ideia e depois discutimos cada ideia – tipo um debate – em que depois achávamos qual é que seria a melhor estratégia para fazer o dossier...”
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	“...houve colegas nossos que nos tinham facultado também alguns dossiers mas nós tentámos fazer o nosso mas também tínhamos, em nosso poder tínhamos alguns dossiers...” “Fomos à internet. Muito, utilizámos muito a internet. Os manuais escolares...enciclopédias... Foi o essencial, e alguns livros espanhóis também...” “...os manuais da universidade também...”
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers		“Não, não me lembro, não me recordo de nenhum que nós tenhamos feito assim...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário G

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário G
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância	
	CR2 – Tem alguma importância	
	CR3 – Sem grande importância	“...acho que o dossier não é assim tão importante, porque acho que no fundo, o dossier para que é que vai servir? Vai servir para arquivar...”
	CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância	
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras	“Pode ser um método para nos ajudar depois a ver alguma coisa, dar-nos um suporte nos futuros anos...”
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho	
	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido	
	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários	“...pode é ajudar os nossos colegas, pronto, é um tipo de material que nós podemos facultar aos colegas para eles analisarem...”
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR1 – Fraco elemento de avaliação	“Que acabam por depois não ser valorizados...”
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é	“...eu acho que reflecte um pouco, porque está escrito algumas actividades que nós fizemos mas não se pode traduzir só num simples dossier porque o trabalho dum professor tem um leque muito variado...”
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação	“...num dossier não se conseguia ver aquilo que nós somos numa sala de aula e numa escola. Porque há muitas actividades e há muitas coisas envolvidas...”
	CR4 – Consome muito tempo	“...nós tivemos que fazer...perder muitas noites e trabalhar no dossier para que tudo conseguisse estar concluído no prazo que nós tínhamos...” “Perde-se muito tempo, mesmo. Nós perdemos muito tempo a fazer um dossier e, se calhar, à partida, esse tempo poderia ser contabilizado para outro tipo de actividade...”
	CR5 – Sai caro em termos económicos	
	CR6 – Promove atitudes de acomodação	
	CR7 – Cria uma grande pressão	
	CR8 – Contém elementos que são supérfluos	
	CR9 – É um fardo a carregar	
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido	“...o dossier foi mais um elemento de trabalho de um ano mas que só o dossier não mostra aquilo que nós fizemos o ano lectivo todo...”
	CR11 – Não há critérios claros para a sua construção	
	CR12 – É monótono e pouco criativo	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário G

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário G
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio	“... eu acho que nós deveríamos saber o peso de cada... porque há uns que podem valorizar mais e outros que valorizam menos...”
	CR2 – Construção de um dossier mais informal	“... [um recurso] nosso e não como ter que ter essa finalidade...”
	CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores	
	CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier	“Eu acho que sempre no início do ano. Acho que no início do ano é que se deviam...”
	CR5 – Construção de um dossier menos extenso	“... tão... talvez só alguns conteúdos sejam colocados e não todos... Não fosse necessário esta quantidade de recursos que nós fizemos ao longo do ano, só aqueles mais, pronto, mais...”
	CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos	
	CR7 – Maior articulação entre os orientadores	
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido	
	CR2 – Valeu a pena	
	CR3 – Foi o trabalho possível	
	CR4 – Nenhum sentimento especial	“É assim, sinto orgulho do trabalho que fiz a nível do ano, não propriamente do dossier...” “Mas eles viram conosco. Tivemos conhecimento que eles viram à nossa frente...”
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores	
	CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier	
	CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier	
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos	“Como elas avaliaram, pronto, isso ficou ao critério de cada um deles...” “Claro que é difícil nós sabermos como é que foi a avaliação...” “Não sei, não consegui saber, nós não conseguimos saber...”
	CR2 – Avaliação com contornos pouco claros	
	CR3 – Avaliação clara e bem definida	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário H

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário H
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola	"Bem, com regularidade reuniamos às Terças-feiras..."
	CR2 – Reuniões de avaliação formativa	"...fizemos um balanço geral, mais ou menos, a meio do ano, onde estivemos a analisar o documento que nos foi dado pela universidade, estivemos a verificar quais eram os pontos em que estávamos a trabalhar bem e os pontos em que não estávamos a trabalhar, para definir-mos estratégias futuras..."
	CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	"...e sempre que as aulas eram assistidas fazíamos uma reunião após o termino da aula..."
	CR4 – No final de cada aula de regência	
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	"Em casa, principalmente, quando estava a preparar novas aulas partia sempre da base da aula passada, o que é que tinha feito, o que é que tinha errado, e muitas vezes eu próprio conseguia..."
	CR2 – No final de cada aula	"...muitas vezes bastava sair da sala de aulas e chegar aqui à sala dos professores, falava com o orientador ou mesmo com as colegas como é que tinha corrido, partilha de experiências, no fundo também é uma reflexão a partilha de experiências, não é?..."
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa	
	CR2 – No final de cada aula	
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR3 – Numa pausa da actividade	"Não, penso que não, desse género..."
	CR1 – Nunca foram usados	"...só fizemos no final do ano o relatório, durante o ano não" "...
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR2 – Só no relatório final de estágio	na altura em que fiz o relatório final verifiquei que ajuda um pouco a fazer uma reflexão escrita de vários pontos..."
	CR1 – Nunca foi feita	"...agora não sei dizer se senti a necessidade de escrever, talvez não, que eu me recorde, penso que não..."
	CR2 – Não foi feita por falta de tempo	
	CR3 – Pequenas notas sobre as aulas	
	CR4 – Feita com regularidade	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário H

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário H
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR1 – Os professores estagiários CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários CR3 – Alguns orientadores	“Fomos nós, os três estagiários...” “...o orientador da escola, ele próprio, ajudou na construção do dossier...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	“...dividíamos as várias unidades pelos colegas de grupo e cada um trabalhava a sua unidade e fazia a planificação por completo...” Desde a planificação propriamente dita a recursos, testes, fichas de trabalho, todo o tipo de recursos. E na regência cada um trabalhava a sua parte. Basicamente, foi assim...” “...também pedimos planificações de colegas que tinham estagiado no ano passado...”
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola CR1 – Adaptados de outros dossiers CR3 – Não foram utilizados	“Também usámos manuais, desde manuais escolares...” “...material que já tínhamos da universidade... planificações que fomos fazendo a Métodos e Técnicas e de Didáctica da Geologia...”
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers		Usámos. Sei lá, uns 30%. É um número um bocadinho aleatório mas, aproximadamente...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário H

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário H
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância	“...da parte do orientador da escola eu penso que o dossier em si, para ele, tem uma pequena percentagem, mas por exemplo, para a orientadora da universidade tem muita porque tem muita importância, e como a nota dela também não é de desprezar, que é 25%, portanto, vai ter uma influência bastante grande na classificação final do estágio e é lógico que por isso, por isso tem uma importância bastante elevada...”
	CR2 – Tem alguma importância	
	CR3 – Sem grande importância	
	CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância	
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras	“...E vai-me servir...para o ano, por exemplo, vai-me servir certamente...” “Uma fonte de recursos, com certeza, para o ano e os anos a seguir, de certeza que vai ser necessário...”
	CR2 – Obriga a organizar o trabalho	“As vantagens, por exemplo, do dossier, é a questão da organização do trabalho...”
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR3 – Registo do trabalho desenvolvido	
	CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários	
	CR1 – Fraco elemento de avaliação	
	CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é	
	CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação	
	CR4 – Consome muito tempo	
	CR5 – Sai caro em termos económicos	
	CR6 – Promove atitudes de acomodação	
	CR7 – Cria uma grande pressão	
	CR8 – Contém elementos que são supérfluos	“Agora existem partes...se me perguntares se existem partes do dossier que se justificam, se calhar, não se justificam...”
	CR9 – É um fardo a carregar	
	CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido	
CR11 – Não há critérios claros para a sua construção		
CR12 – É monótono e pouco criativo		

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário H

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário H
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio	
	CR2 – Construção de um dossier mais informal	
	CR3 – Maior presença/accompanhamento dos orientadores	
	CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier	
	CR5 – Construção de um dossier menos extenso	
	CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos	
	CR7 – Maior articulação entre os orientadores	<p>“...os dois não querem a mesma coisa, não gostam da mesma forma de trabalhar, e depois claro, a trabalhar desta forma as pessoas são penalizadas...”</p> <p>“Se houvesse uma coordenação maior entre o orientador da escola e o orientador da pedagogia com certeza que isto não se verificava...”</p> <p>“...em relação à orientadora da universidade, porque o...para ela, ela avaliou-nos essencialmente pelo dossier de estágio e o dossier de estágio – é uma contradição – é construído essencialmente com o orientador o da escola...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido	
	CR2 – Valeu a pena	“Eu penso, sinceramente, que se justificou ter feito aquilo...”
	CR3 – Foi o trabalho possível	
	CR4 – Nenhum sentimento especial	
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores	
	CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier	“Em relação aos dois orientadores científicos...não vira, o dossier...”
	CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier	
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos	
	CR2 – Avaliação com contornos pouco claros	“...o orientador da escola, ele próprio, ajudou na construção do dossier, portanto, à partida penso que teve uma avaliação permanente...”
	CR3 – Avaliação clara e bem definida	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário I

Tema A – Reflexões Sobre o Estágio Pedagógico Enquanto Processo de Formação Reflexiva

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário I
CC1 – Momentos em que esteve presente a dimensão reflexiva, no âmbito das actividades de orientação e supervisão	CR1 – Reuniões semanais com o orientador da escola CR2 – Reuniões de avaliação formativa CR3 – Reuniões informais entre os estagiários	“Normalmente era semanalmente...” “...normalmente faltávamos sempre...semanalmente tínhamos um horário, um dia para...e faltávamos sobre as aulas durante essa semana...” “Podia ser mais, podia haver duas reuniões por semana mas, normalmente, era sempre uma...”
CC2 – Moldes em que foi realizada a reflexão	CR4 – No final de cada aula de regência CR1 – Reflexão conjunta sobre o decorrer das aulas	“E outras vezes, pronto, questionava também os meus colegas, para eles darem a opinião deles...” “Semanalmente juntávamo-nos com o orientador da escola, reflectíamos sobre as aulas, que normalmente (quase sempre) eram as aulas de regência porque era quando, normalmente, todos iam assistir...e pronto, o orientador punha-nos questões pertinentes, dava-nos algumas dicas para melhorar, etc...” “Nós também reflectíamos sobre o nosso próprio desenvolvimento durante a aula e, basicamente, era só...”
CC3 – Outros momentos do dia-a-dia em que a prática pessoal era questionada	CR1 – Sozinho em casa	“Normalmente, era quase todos os dias...” “Porque uma vez que nós tínhamos que dar aulas todos os dias, e tentar sempre arranjar estratégias melhores para melhorar o comportamento da turma ou a maneira melhor para leccionar...”
CC4 – Utilização de instrumentos promotores de uma prática reflexiva, no âmbito das actividades do estágio	CR2 – No final de cada aula CR3 – Numa pausa da actividade CR1 – Nunca foram usados CR2 – Só no relatório final de estágio	“Não, não...” “Isso aconteceu penso que uma vez mas foi já no final...quando estávamos a fazer a nossa própria avaliação...”
CC5 – Reflexão individual e escrita sustentada por iniciativa própria	CR1 – Nunca foi feita CR2 – Não foi feita por falta de tempo CR3 – Pequenas notas sobre as aulas CR4 – Feita com regularidade	“Não sei, penso que, não era assim...sim, penso que não...”

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário I

Tema B – Reflexões Sobre o Processo de Construção do Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário I
CC6 – Modo como foi construído o dossier de estágio	CR1 – Recolha de documentos ao longo do ano com organização no final CR2 – Organizado, sobretudo, no final do estágio	“... nós fomos escolhendo ao longo do ano...” “Claro que no final do ano chegamos à conclusão que tínhamos tudo muito atrasado e vai de passar tudo a computador e distribuir tarefas e...”
CC7 – Pessoas directamente envolvidas na construção do dossier de estágio	CR1 – Os professores estagiários CR2 – Familiares e amigos dos professores estagiários CR3 – Alguns orientadores	“Sim, nós os três...”
CC8 – Modo como os professores estagiários colaboraram na construção do dossier	CR1 – Todos os estagiários, em conjunto CR2 – Individualmente, no caso das regências CR3 – Entre os estagiários com distribuição de tarefas	<i>O dossier de 11º de regências foi feito em conjunto, cada um fazia, portanto, a planificação da sua própria regência e o 7º e 8º foi feito em comum...</i> <i>“Distribuímos tarefas...”</i>
CC9 – Fontes de consulta utilizadas na elaboração do dossier	CR1 – Dossiers de estagiários de outros anos CR2 – Livros, vídeos, manuais escolares e internet CR3 – Sebentas e trabalhos realizados na universidade CR4 – Material fornecido por colegas da escola	<i>“Claro que pedimos dossiers de outros anos, não é, para nos guiarmos mais ou menos, nós também não fazíamos a mínima ideia de como é que íamos construí-lo...”</i> <i>“... livros que o orientador nos forneceu... manuais... outros livros científicos...”</i>
CC10 – Materiais e recursos retirados de outros dossiers	CR1 – Adaptados de outros dossiers CR2 – Não foram utilizados	<i>“Sim havia certas coisas que nos também gostámos e resolvemos também fazer, experiências... acho que estavam pertinentes, eram fáceis de desenvolver, eram pertinentes na altura para leccionar e então resolvemos fazer algumas, pronto, com algumas adaptações também...”</i> <i>“... [materiais adaptados]... talvez uns 60. 60 %...”</i>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário I

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário I
CC11 – Importância atribuída à elaboração do dossier, no contexto do estágio pedagógico	CR1 – Tem grande importância CR2 – Tem alguma importância CR3 – Sem grande importância CR4 – É-lhe atribuída demasiada importância	<i>“Penso que para o futuro não vamos consultar, praticamente, o dossier, se calhar, tiramos algumas fichas de trabalho, alguns testes de avaliação, alguns recursos, mas nada mais que isso...”</i>
CC12 – Vantagens e aspectos positivos do dossier de estágio	CR1 – Importante elemento para consulta e orientação futuras CR2 – Obriga a organizar o trabalho CR3 – Registo do trabalho desenvolvido CR4 – Servirá para facultar a futuros estagiários	<i>“Vantagens penso que é mais no futuro se nós quisermos fazer uma ficha de trabalho...”</i> <i>“...por exemplo, ao longo do ano a matéria do dossier, não é, consultarmos o dossier e vemos se por acaso...se estamos a cumprir...”</i>
CC13 – Desvantagens e aspectos negativos do dossier de estágio	CR1 – Fraco elemento de avaliação CR2 – Não diz nada sobre o professor que se é CR3 – Sem lugar nos instrumentos de avaliação CR4 – Consome muito tempo CR5 – Sai caro em termos económicos CR6 – Promove atitudes de acomodação CR7 – Cria uma grande pressão CR8 – Contém elementos que são supérfluos CR9 – É um fardo a carregar CR10 – Não reflecte o trabalho desenvolvido CR11 – Não há critérios claros para a sua construção CR12 – É monótono e pouco criativo	<i>“Tivemos um grande aperto para fazer o dossier, porque era uma coisa enormíssima...”</i> <i>“...foi durante muito tempo, andamos ali constantemente...”</i> <i>“Ocupa bastante tempo...”</i> <i>“Foi muito trabalhoso, algumas coisas eram desnecessárias...”</i> <i>“...nos fizemos, basicamente, idêntico ao de outros anos lectivos e penso que é feito de modo muito...como é que eu hei-de explicar...é muito monótono e tem pouca criatividade, não sei se as pessoas...nós também não conseguimos arranjar outra maneira...”</i>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário I

Tema C – Reflexões Sobre o Valor Atribuído ao Dossier de Estágio (Continuação)

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário I
CC14 – Sugestões para minimizar os aspectos negativos	<p>CR1 – Clarificação da real importância do dossier no contexto do estágio</p> <p>CR2 – Construção de um dossier mais informal</p> <p>CR3 – Maior presença/acompanhamento dos orientadores</p> <p>CR4 – Definição clara dos elementos a constar no dossier</p> <p>CR5 – Construção de um dossier menos extenso</p> <p>CR6 – Utilização e rentabilização dos dossiers construídos</p> <p>CR7 – Maior articulação entre os orientadores</p>	<p>“...não era assim uma coisa muito extensiva como nós temos feito, todas as planificações de médio prazo, tudo...”</p> <p>“...que fossemos mais sintéticos na realização dos dossiers...”</p>
CC15 – Sentimentos referentes ao dossier de estágio construído	<p>CR1 – Orgulho pelo bom trabalho desenvolvido</p> <p>CR2 – Valeu a pena</p> <p>CR3 – Foi o trabalho possível</p> <p>CR4 – Nenhum sentimento especial</p>	<p>“Sim, acho que valeu a pena, ficamos sempre com uma recordação do ano de estágio e...”</p>
CC16 – Quem fez a avaliação do dossier	<p>CR1 – O dossier foi avaliado por todos os orientadores</p> <p>CR2 – Apenas alguns orientadores avaliaram o dossier</p> <p>CR3 – Apenas o orientador da escola avaliou o dossier</p>	<p>“O orientador da escola, pronto ele também...ele baseou-se mais na avaliação de ...não deu muita importância ao dossier...”</p>
CC17 – Modo como foi feita a avaliação do dossier	<p>CR1 – Avaliação de contornos desconhecidos</p> <p>CR2 – Avaliação com contornos pouco claros</p> <p>CR3 – Avaliação clara e bem definida</p>	<p>“Por exemplo, sei que a nossa orientadora da Pedagogia tinha uns itens, tinha uma avaliação escrita, um formulário de avaliação e em que ela nos dava tópicos como havia de avaliar o dossier...”</p>

IV

**Protocolo de Uma das Entrevistas Relativa à
Segunda fase do Estudo**

Protocolo da Entrevista ao Professor Estagiário M (PeM)

A - Consegues apontar algum benefício da implementação deste projecto, alguns aspectos positivos?

PeM - Eu acho que o portfolio é um instrumento muito válido no sentido que permite, ou permitiu-me, uma reflexão muito profunda e que eu pensava que estava a fazer e não estava porque, realmente, a parte da regência...quando se faz uma reflexão e se está condicionado, ter que apresentar isso como documento faz com que nós sejamos mais preciosistas e mais precisos naquilo que estamos a fazer. E isso permitiu até mesmo reflectir sobre a forma que como eu reflectia, isto é, a reflexão que eu estava a fazer não era bem feito e se calhar não era tão profunda quanto o poderia fazer.

Permitiu-me não só, aula a aula, porque há uma reflexão até imediata dentro da própria sala de aula, que nós podemos fazer, imediata, já que fomos alertados para isso.

Suscitou-me bastante curiosidade ver a flexibilidade, por vezes, que tinha que ter, durante a aula, porque fazia uma reflexão imediata daquilo que estava a acontecer.

Até mesmo porque apesar da turma não dar muitos problemas em termos comportamentais, ser uma turma bastante reduzida – nove alunos – mas por vezes a transmissão da informação não estava a ser significativa para a aprendizagem dos alunos e verificava-se...e era...e carecia de uma reflexão imediata.

Quer dentro da sala de aula, quer após a sala de aula, quer em suma depois das aulas todas da regência foi um análise muito profundo e permitiu-me constatar que tenho certas lacunas que terei que melhorar e certos aspectos em que tenho bom desempenho.

Não penso que tenha influenciado muito a comunidade escolar. A não ser pela parte do Director de Turma, talvez tenha tido uma relação mais próxima connosco devido ao trabalho que tivemos que realizar para o portfolio no aspecto socio-económico dos alunos que tínhamos. Não penso que a restante comunidade escolar estivesse sensibilizada para o documento que nós estávamos a redigir nessa altura, porque eu penso que o portfolio não é feito após, é um documento que tem que ser concomitante com a altura em que se está a dar a aula e se está a trabalhar nesse aspecto.

O que, por exemplo, o dossier já não permite o dossier é, no fundo, parte da análise que a gente faz com o portfolio. Porque enquanto no portfolio temos uma análise...uma reflexão faseada e que é oportuna, isto é, desde o momento em que se está a leccionar na própria sala até à análise de todas as aulas é uma reflexão faseada, enquanto que o dossier só permite uma reflexão à posteriori, portanto, só uma parte da reflexão que está no portfolio.

Ainda a respeito da comunidade escolar, não penso que tenha havido sensibilização das pessoas em reconhecer, mas penso que também não é só em termos do trabalho, é em termos também de as pessoas não se ligarem muito afectivamente connosco porque sabem que nós estamos cá um ano e possivelmente no outro ano não estaremos cá, as preocupações limitam-se a perguntar se está tudo a correr bem, não se interessam minimamente pelo trabalho. Para eles o dossier – que nós não fizemos, fizemos o portfolio – ou o portfolio em si, a eles não lhes diz nada e pronto...

A - Mas para ti, a questão é se a reflexão que tiveste que fazer para o portfolio de certo modo te ajudou no relacionamento com a comunidade escolar? Podes até,

eventualmente, não teres problemas com esse relacionamento e, portanto, não sentires essa necessidade...diz lá...

PeM - Em termos do portfolio ajudar na relação com a comunidade, como te digo a única...dentro da comunidade escolar a relação que houve foi com o Director de Turma e com os alunos, que também fazem parte da comunidade escolar, não é? Porque, além disso a relação foi mínima. Talvez tivesse havido uma proximidade maior do núcleo de estágio de Matemática que também existia cá e, em termos de curiosidade e tudo mais. Mas agora, benefícios que o portfolio tenha trazido para a minha relação com a comunidade eu acho que não, até porque qualquer um de nós – penso eu, não posso estar a falar pelos outros – mas nós desde que chegámos mantivemos uma atitude de respeito pelas pessoas que cá estavam e a partir daí consolidámos para aqueles que se sentiram mais próximos de nós uma relação de empatia mas houve outros que não facilitaram, portanto não...mas dizer que o portfolio foi o veículo para que existisse essa, como é que hei-de dizer, relação, não...

A - Concretamente, em relação a ti, enquanto professor em formação e enquanto pessoa achas que o portfolio contribuiu para melhorar esses...

PeM - Acho que sim, em termos sociais. Porque a reflexão que uma pessoa vai fazendo, pronto, qualquer tipo de reflexão que nós façamos tem sempre implicações porque uma pessoa quando faz uma reflexão analisa os aspectos positivos, analisa os aspectos negativos e tenta...e um professor, na minha maneira de ver, tem que tentar gerir a balança de modo a que o seu desempenho e até a sua própria construção como pessoa...uma pessoa tem que gostar daquilo que faz, não é? E o portfolio permitiu-me avaliar também que se a relação que eu tinha com os alunos era boa e isso, socialmente, trouxe-me muitos benefícios porque talvez tenha existido uma transformação da minha maneira de ser porque uma pessoa tem que ter em atenção o nível socio-económico e por vezes essas coisas passam despercebidas e talvez se nós não tivéssemos que ter preparada a parte do portfolio que dizia respeito à situação socio-económica dos alunos não nos teríamos apercebido de certas situações que existem e que condicionam o trabalho dos alunos e isso sensibiliza-nos muito enquanto pessoas e também enquanto professor.

A - Falemos agora um pouco dos aspectos negativos, portanto em termos de custos e pontos fracos do projecto o que é que tens a dizer?

PeM - Em termos de custos, em termos financeiros há realmente um dispêndio económico mas não penso que se sobreponha ao que é gasto no dossier, penso que pode igualar. E acho que mesmo que se ultrapassasse esses valores acho que é muito melhor porque acho que, como é que hei-de dizer...

A - A relação custo-benefício?

PeM - A relação custo benefício é muito proveitosa porque com o portfolio a pessoa apercebe-se do trabalho que foi feito pelo aluno, porque (aluno, neste caso professor estagiário) porque está ali não só uma panóplia de recursos como também a explicação para esses próprios recursos e às vezes é os gastos que foram...enquanto no dossier se trabalha com uma cópia, com uma fotocópia daquilo que se vai lá pôr, às vezes tiram-se cópias ilustradas a cores e tudo mais e não sei quê, mas acho que a preocupação de fazer

o portfolio e de mostrar a construção enquanto professor resolve bem esse parâmetro que por vezes pode ser sobrevalorizado.

Em termos de tempo, não penso que tenha sido conflituoso com qualquer outra actividade que nós tenhamos realizado, quer em termos particulares, quer em termos da escola.

Em termos de energia foi necessário sim, um grande dispêndio porque o portfolio foi realizado na segunda regência já muito no final do ano lectivo, nós tínhamos também muitas actividades, pronto, programadas no plano anual de actividades, para esta altura e houve realmente pouco tempo. Talvez quem tenha notado isso mais terei sido eu e o “L”. Principalmente mais o “L” que acabou Sexta-feira e tinha que entregar logo no outro dia a seguir. Até porque parte da reflexão se calhar se tem sido uma coisa... podia ter sido mais madurada, mais desenvolvida.

Mas não penso de modo nenhum que tenha existido algum conflito com outra actividade qualquer do estágio.

Em relação a aspectos que possam ter falhado na construção do portfolio eu devo salientar que em termos de organização tive problemas mas não quer dizer que os outros elementos tenham tido. Eu falho e sei disso e foi uma das análises que provem da reflexão do portfolio que em termos organizacionais sou um “bocadito” desleixado vá, entre aspas, e isto levou-me a que na construção do portfolio quisesse fazer uma coisa muito elaborada e por vezes me tenha faltado um bocado o tempo.

Porque eu acho que o portfolio como instrumento dinâmico que é – que eu penso que é uma coisa dinâmica, não é uma coisa estática, não é uma coisa para ficar feita, é uma coisa que vai ficando construída – eu não o consigo dar acabado, não o consigo dar acabado porque faz falta sempre mais qualquer coisa e acho que devia ter feito aqui mais, mais ali, pronto, há sempre pormenores e que uma pessoa com a evolução...e acho que deve ser de ano para ano, ou de ano lectivo para ano lectivo, pode ser melhorado e pronto. Tal como os modelos fotográficos tiram outra fotografia ou encontra outro fotógrafo melhor, no mesmo sentido.

A - Exacto pode perfeitamente fazer-se. Como é que influenciaram então os instrumentos que foram criados para ajudar na construção, portanto, as orientações, o perfil de competências, achas que foram úteis ou falharam?

PeM - Pouco.

A - Ou por outro lado, se calhar até limitaram um pouco o teu trabalho, o que é tens a dizer sobre isso? Portanto, tu dizes que tiveste problemas na organização, será que com um tipo de instrumentos diferentes terias tido mais facilidades?

PeM - Não. Esta dificuldade de organização é mesmo intrínseca minha, não tem nada a ver com a organização do portfolio porque eu acho que foi-nos fornecido tudo aquilo que necessitávamos para trabalhar até, a título de exemplo aqueles situações de Português-Inglês, entre outras coisas, acho que estava um trabalho muito bem desenvolvido.

E em termos de orientação para concluirmos o trabalho nem foi necessário sequer uma pesquisa da nossa parte porque tínhamos ali tudo, acho que foi bastante útil e nada limitante. Até porque estava ali tudo o que nós deveríamos fazer. Em termos dos orientadores é que nós deveríamos ter sido um bocadito mais...devíamos de ter sido mais ajudados, digamos assim.

A - Mais apoiados?

PeM - Sim. Porque o único apoio que tivemos, praticamente, foi do orientador da escola, os orientadores científicos não deram muita importância, o orientador pedagógico também não deu muita importância e inclusive a avaliação que era para ter sido feita não chegou a ser feita, apontam...há um dos orientadores que aponta falta de tempo de entrega como desculpa, eu acho que isso não é...

A - Mas havia tempo realmente?

PeM - Não havia tempo realmente. As coisas foram bem coordenadas mas isso o problema também já é da coordenação do centro de estágio porque não houve uma data limite, nós soubemos 3 ou 4 dias antes quando é que ia ser a reunião de avaliação e houve “o portfolio tem que estar pronto dia tal”. Depois havia a limitação de, por exemplo, o “L” só acabar as aulas dia 14, depois tínhamos uma semana ou nem isso para entregar, tínhamos sete dias, o portfolio foi feito em sete dias, praticamente, é claro que havia coisas que estavam feitas, havia transparências... os recursos, em termos de recursos, e as reflexões também estavam feitas mas daí a passar tudo para um documento elaborado demora o seu tempo e houve coisas e preocupações e dúvidas que nós tínhamos que possivelmente poderiam ter sido resolvidas por um orientador pedagógico ou por um orientador científico e que não foram no momento.

Até mesmo no acompanhamento aula a aula, um orientador deve facultar informações adicionais ou complementar a actividade que o professor iniciante está a ter e isso não se viu.

Eu posso numa aula achar que os alunos não tem aprendizagens significativas e não tive cá um orientador da pedagogia que me dissesse “olha faz assim desta maneira que podes melhorar o teu desempenho”, ou não tive um orientador científico “olha falhaste assim mas se falares desta maneira ou se falares primeiro desta eles já tem alguns alicerces para construir o conhecimento”, e nesse aspecto o único orientador que desempenhou o papel dele foi sem dúvida o orientador da escola. Que se pode dizer que foi incansável, não só do documento [portfolio] em si mas também do desenrolar de todo o estágio. Em termos de outros obstáculos à construção do portfolio, por exemplo, dificuldades na gestão do tempo, a falta de referências pode ter sido um problema? Achas que se, por exemplo, eu vos tivesse dado exemplos de portfolios teria sido importante? Era sempre uma informação adicional...

A - Mas era fundamental ou não sentiste...?

PeM - Eu não senti. Repara, se eu disser que, por exemplo, o orientador da escola, em termos dos estagiários que teve aqui este ano, costuma dizer que nós somos muito autónomos, eu penso que se não existisse nada a gente tinha que se desenrascar e desenrascávamo-nos se tivesse que ser mas julgo que o material que nos foi fornecido foi o indicado e não houve necessidade de mais.

É claro que se houvesse mais, á claro que nós podemos tirar outras ideias, podemos ver como é que as coisas são feitas e é claro que se houvesse já...por exemplo, eu ponho a situação: se para o ano existir, se esse documento fosse aplicado a todos os núcleos de estágio, é claro que as outras pessoas, vendo o nosso trabalho, já poderão ter uma ideia daquilo que irão fazer.

Pronto, neste aspecto nós poderemos considerar que há uma falta de referência, porque não há trabalhos ainda sobre isto e em Portugal, e de Biologia e Geologia. Agora, aquilo que nos foi fornecido permite-nos ter uma ideia daquilo que se pretendia

e não julgo que isso tenha sido limitativo. Em termos de gestão do tempo, não penso –se falar-mos do grupo, em termos de grupo – não penso que tenha sido um factor importante. Isto é, foi importante nós termos só aqueles sete dias para trabalhar no portfolio, porque, como já disse houve muitas actividade nessa altura que nos limitaram, mas julgo que dá perfeitamente se nós conseguimos realizar o trabalho...não me vou pronunciar se acho que o trabalho está bem, está bom ou não está, mas julgo que nós conseguimos desenvolver este trabalho se existir um pouco mais de tempo para o desenvolver julgo que é melhor.

Até porque eu penso que talvez nesta segunda regência se justifique mais a utilização do portfolio porque nós já temos uma primeira regência em que nos preparámos e tudo mais, mais no âmbito formativo, mas penso que talvez seja melhor de início até porque há uma pressão menor por parte do professor que está a fazer estágio em relação ao orientador, sente-se calhar talvez menos a pressão sabendo que essa regência que está a fazer é importante mas não é tão importante...pronto, tem uma progressão que ainda pode fazer e talvez ele não esteja tão preocupada. E penso que, talvez, como não há tantas actividade no princípio do ano lectivo, talvez seja a melhor altura para se realizar o portfolio.

É claro que se a pessoa não tem experiência em ensino e tudo mais pode ser condicionada por isso. Mas não penso que deva ser muito atrasado em relação ao decorrer do ano lectivo.

A - Deixa-me ver se percebi, se eventualmente não houvesse esta pressão do tempo no final achavas que era vantajoso fazer, ou pensas que continuava a ser vantajoso fazer o portfolio no princípio ou já podíamos passar mais para o fim?

PeM - Não. Se houver tempo no final é melhor no tempo até pelo desempenho e pela reflexão que o professor faz. Porque eu, antecipadamente, assim que soube que ia fazer o portfolio e sabia que ele era da segunda regência eu na primeira regência tratei logo de fazer reflexões até para ver se era aquilo, se era apropriado, se era aquilo que era pedido, se estava a cumprir os itens todos que estavam no perfil e tudo mais.

Eu acho que ele deve ser feito na segunda regência mas se houver problemática da gestão do tempo deve ser no início. E não é só o tempo, a pressão do próprio orientador e o número de aulas. Julgo que isso é verdadeiramente importante, porque uma pessoa com 14 aulas de regência, o volume de trabalho é muito maior, primeiro que tudo, depois é a questão de gerir o tempo em relação a esse volume de trabalho que se tem.

A - Portanto, falaste aí num aspecto importante que é a pressão em relação ao orientador, portanto, eu gostava que me disseses se o facto deste portfolio ser feito num contexto de avaliação, portanto, é o teu estágio, é importante para o teu futuro, se achas que isso de certo modo limitou o modo como encaraste o portfolio, ou seja, sentiste-te pressionado a pôr umas coisas ou a omitir outras, se isso te influenciou no desenvolvimento do teu portfolio?

PeM - Influenciou-me...não sei até que ponto a minha reflexão não foi até ao ponto de ainda conseguir analisar se foi proveitoso se foi negativo, porque eu estive muito mais nervoso na segunda regência do que na primeira.

Tinha uma relação muito melhor, muito mais...havia muito mais empatia minha em relação aos alunos, havia uma maior proximidade em relação ao orientador que estava presente sempre (que era o da instituição) e em relação aos colegas até de

estágio, pronto, não tinha praticamente problemas nenhuns, mas senti-me muito mais condicionado.

Não sei é se foi por causa do portfolio, porque eu acho que sendo o portfolio ou se estivesse a prepara outro documento acho que a pressão era igual porque sabe-se que aquele momento pode ser decisivo e todas as impressões contam. Reflectindo sobre isso eu acho que o portfolio não me condicionou negativamente, até porque a pressão que existia para nós fazermos as sínteses no fim da aula para termos uma reflexão e tudo mais facilitava que nós na próxima aula soubéssemos como havíamos de começar a aula, soubéssemos quais eram os pontos onde deveríamos incidir que não ficaram bem, quais foram os pontos em que existiu uma aprendizagem significativa, se é que nós podemos analisar isso à partida.

Portanto, penso que o portfolio nesse aspecto não me condicionou. Pode ter condicionado foi o facto de esta segunda regência ter um cariz mais avaliativo que a outra, isto é, em suma, na segunda regência faz-se... vê-se a progressão, se existiu ou não progressão. Mas não penso que o portfolio tenha sido limitante.

A - Foi o próprio estágio, as próprias circunstâncias...

PeM - Exactamente.

A - Tens alguma sugestão para melhorar este projecto de utilização do portfolio? O que é que tu dizes “se fosse eu tinha feito diferente” e porquê?

PeM - Eu acho que uma coisa é o número de aulas. O número de aulas tem que ser muito mais reduzido. Até porque neste caso nós também tivemos dificuldades porque nós demos na parte da Geologia os três ambientes. Começámos com a parte da Biologia, terminámos com a Geologia, demos a matéria toda do programa e foi-nos...pronto, não digo que foi sempre a correr mas foi sempre...tivemos que cumprir sempre certas e determinadas coisas.

E eu, por exemplo, tive que seleccionar muito bem os aspectos que tinha que leccionar porque estava...havia uma limitação que era o tempo, as 14 aulas não eram suficientes, no meu entender, para dar aquela quantidade de matéria. Agora, isso em termos do portfolio também limita um pouco, porque eu não posso pôr no portfolio aquilo que não dei. Ora o que é que uma pessoa pode planificar as coisas e elas não correrem como se está à espera mas a aplicação dentro da sala limita um bocadinho o desempenho e eu reduzia não só...não quer dizer que seja pelo portfolio.

Noutras circunstâncias, se fosse o dossier o número de aulas escolhido era o mesmo porque a divisão não foi feita com cariz da utilização do portfolio, foi feito logo à partida, no principio do ano lectivo, pronto, estabeleceu-se logo que eram 14 aulas para aquela regência, nesse aspecto o portfolio não teve influência, mas eu acho que o que o portfolio deve abranger é um número restrito de aulas. Por exemplo, nós quando fizemos as sínteses só escolhemos duas a três sínteses, isto é, 4 horas a 5 de aulas, eu acho que o que deve estar no portfolio são os recursos utilizados nessas aulas...

A - A ideia era essa, vocês é que depois, se calhar, pensaram para a unidade toda...

PeM - Nós é que...exactamente, porque os recursos que nós apresentamos são da planificação que fizemos das 14 aulas...

A - Não era preciso!

PeM - Pronto, mas...

A - Mas não está claro nas orientações que era assim?

PeM - Eu não percebi isso, não percebi que fosse isso. Eu percebi que nós tínhamos que planificar a unidade...

A - Sim, a planificação tinha que aparecer completa.

PeM - E mostrar os recursos utilizados na unidade, não os recursos utilizados naquelas aulas que nós seleccionámos?

A - Até podia ser um recurso, não duma aula sobre a qual tu decidiste fazer a análise mas um recurso duma outra aula que eventualmente tivesse tido mais importância.

PeM - Tratava-se duma amostragem significativa.

A - Dentro da unidade.

PeM - Dentro da unidade, pois.

A - Mas nessa questão, pode ter falhado aí o diálogo. Mas de facto faz sentido que seja menos porque senão os portefólios, como tu vês, tornam-se...

PeM - ...Tornam-se muito extensos. Até porque o que faz extenso o documento em si são precisamente os recursos. Porque se nós tirarmos dali os recursos e tirarmos algumas páginas que servem de separadores aquilo resume-se a um documento muito mais pequeno que o dossier, sem dúvida nenhuma.

A - Que importância é que atribuis a este trabalho, achas que a experiência foi positiva, que merece ser alargada a outros núcleos, ou não?

PeM - Eu acho que deve, deve ser alargada. Porque se há documento que permita uma uniformidade...não é dentro do grupo, porque dentro do grupo não há grandes discrepâncias, mas em termos de diferenças entre os vários núcleos aí sim, aí vê-se discrepâncias muito grandes e continuam a ver-se este ano. E este trabalho é importante porque permite uma supervisão do que se passa em todos os núcleos, há uma pessoa, ou pelo menos se não for, há um número restrito de pessoas mas que acompanham todos os núcleos de estágio e pode haver um aferir de resultados.

Porque são importantes, estes resultados são importantes na vida das pessoas e na vida dos alunos, porque o facto de se atribuir uma nota a um professor estagiário não tem implicações apenas na sua vida mas dos futuros alunos, porque há muitos casos de inflação de notas e há muitos casos também de “tectos” de notas e com isto talvez não fosse tão fácil eles existirem, por isso acho que é uma experiência que merece ser alargada e eu não me ficava...é claro isto limitasse só ao estágio mas eu até, em termos académicos, penso que deveria haver um documento, igual, para avaliar os professores que leccionam nas universidades e nos institutos.

Porque acho que as pessoas deviam reflectir sobre o trabalho que fazem e a única coisa que fazem é reflectir se os trabalhos dos alunos são significativos ao ponto de passar aquele determinado “x” que tem que passar. Portanto, eles só se preocupam se o nível de insucesso escolar for elevado. Não reflectem sobre aquilo que estão a fazer no momento e naquilo que fizeram, porque não reflectem sobre os documentos que estão...se os recursos que estão a usar são apropriados, não reflectem se a mensagem está a passar para o outro lado, se as aprendizagens que estão a ser significativas se são devidas a eles se aos alunos. E acho que também nesse âmbito poderia ser aproveitado esse documento.

A - Voltando um bocadinho atrás, eu perguntei-te o que é que se poderia mudar no projecto do portfolio mas também te posso perguntar o que é que se pode mudar no estágio? Para já, se este projecto se insere neste modelo de estágio e se não o que é que tu gostavas de ver diferente no estágio, agora que o acabaste?

PeM - Principalmente o acompanhamento do...não falando directamente já do portfolio, o acompanhamento dos orientadores é fundamental e da parte dos orientadores científicos não há qualquer tipo de acompanhamento ou é muito reduzido. Porque um professor que está em estágio está em formação e o papel do orientador é orientá-lo. Ora se é orientá-lo, se ele não aparece à instituição para dar essas respectivas orientações ou se não dá oportunidade que os alunos lá vão para esclarecer ou para dar essas mesmas orientações não sei qual é o fundamento de haver um orientador ou haverem orientadores científicos. Até porque a pessoa, normalmente, que orienta estágios está preparado pedagogicamente e cientificamente portanto ele poderia fazer uma análise se existisse um documento deste tipo.

Portanto, existindo este documento e existindo o orientador da escola que supervisiona lá, *in situ*, porque há coisas no portfolio que estando escritas mas não se sabe se cumpre ou não, e até mesmo pelo perfil de competências nem tudo pode ser avaliado pelo documento, se existir uma pessoa – e essa uma pessoa torna menos subjectiva a avaliação – se existir só uma pessoa que faça uma avaliação sobre o desempenho do aluno e existir o portfolio para que outras vejam que o desempenho foi mesmo esse...

A - Portanto, falavas da quase que necessidade de uma espécie de “comissão de análise dos portfolios, não é?

PeM - Sim, uma comissão, sim, mas de análise dos portfolios. Eu não acho benéfico existirem muitos orientadores num núcleo de estágio. Até porque o orientador da escola, da instituição, vai acompanhando o estagiário, vai-se estabelecendo uma empatia entre o estagiário e o orientador. Ele deixa de ser uma pessoa não desejada, entre aspas, porque é uma pessoa que vai condicionar...como uma pessoa que faz lá falta para nos dizer “olha, devias ter ido por aqui...vai por ali”, para nos orientar.

Como os orientadores científicos não comparecem ou comparecem pouco, e mesmo se diz do orientador pedagógico, porque não é através de cinco aulas observadas que ele pode tirar uma referência.

É certo que se as aulas correm bem tudo muito bem...o aluno é avaliado positivamente e a coisa corre muito bem, mas se por outro lado a coisa corre negativamente ele não tem informação suficiente para valorizar o trabalho do aluno. E neste caso, estando o orientador da escola sempre presente não vejo...para que haja outro tipo de orientadores já que não contribuem significativamente para o desempenho

do professor iniciante...e acho que o documento é necessário, porque é necessário sempre que há um documento de avaliação e este documento permite ver o trabalho e a própria reflexão que o professor iniciante está a fazer, portanto, tendo um exemplo dos recursos por ele utilizados, a reflexão sobre esses recursos e sendo esse portfolio validado pelo orientador da escola julgo ser o suficiente para que seja possível uma avaliação.

A - Já agora, um aspecto de que ainda não falámos, que é o do potencial do portfolio como um elemento para vos ajudar a defender as vossas posições perante os orientadores...achas que pode ter essa vantagem, tu consegues demonstrar que fizeste isto ou aquilo, que estás atento a isto ou àquilo?

PeM - Em relação ao orientador da instituição (escola) ele sabe aquilo...

A - Em relação a qualquer orientador?

PeM - Em relação aos outros orientadores que não estiverem presentes eu posso sempre defender o meu trabalho, e pode ser sempre um elemento justificado pelo orientador da escola que acompanhou o processo todo e que impede que nós façamos qualquer coisa à margem daquilo que realmente foi feito.

Portanto, tendo em consideração esse aspecto, de ser uma hipótese para que eu me possa defender, com certeza, o recurso está lá e eu faço uma reflexão sobre aquele recurso pode ser subjectiva essa apreciação que eu faça, mas é no fundo a apreciação que eu faço, é a reflexão que eu faço, mas acho que é um elemento que permite justificar, sem dúvida, aquilo que eu realizei.

A - Então, para acabarmos, em termos de balanço global do projecto o que é que dirias? Do teu papel...da tua participação?

PeM - Eu estou particularmente muito satisfeito com o projecto, não só por ter conseguido apresentar um documento que eu acho que valida...valida no cômputo final, mas também pelo que ele facilitou. Eu talvez se tivesse feito um dossier não me tinha preocupado com muitas coisas e não tinha sido elucidado sobre muitas outras.

A respeito do nível sócio-económico nós tivemos que pesquisar como é que era, eu talvez tivesse uma noção de como é que era o nível sócio-económico mas possivelmente não estaria alertado para que aquele aluno poderia ter dificuldades e eu teria que...teria que me vocacionar mais para tentar ser mais explícito ou tentar criar uma relação de empatia que possibilitasse que esse aluno estivesse mais à vontade dentro da sala.

Permitiu-me ponderar muito sobre os recursos, até porque eu, como já disse, em termos organizativos...trouxe, trouxe uma panóplia muito grande e a nível de recursos, pronto, tinha muitos recursos, procurei abrir muito o leque e isso permitiu-me alguma flexibilidade e versatilidade nas aulas – como até os alunos referiram num documento que nós fizemos, que foi um inquérito que está presente no portfolio – mas, esse aspecto da vastidão de recursos permitiu-me não...não gerir muito o tempo mas permitiu-me por outro lado reflectir para aquele recurso ser mais apropriado naquela altura ou não.

Por exemplo, eu tenho, para uma aula, um excesso, que é excesso de 10 transparências. Mas tendo esse excesso de 10 transparências eu posso ir buscar qualquer uma delas para aquele momento e para aquela situação, eu posso ter...pode o discurso estar a condicionar para certo e determinado objectivo, pode ser necessário esclarecer

determinada dúvida e eu posso lá ter isso e isso vem da reflexão do portfolio, porque se eu não tivesse feito uma reflexão eu não poderia ter pensado “mas eles podem perguntar-me assim” ou “isto pode ir neste sentido”.

E o portfolio veio ajudar nesse sentido porque permitiu que a reflexão que eu fiz fosse mais aprofundada, até no pensar como pensam os alunos...penso que, não só para mim mas para os outros que certamente já o disseram, foi muito interessante trabalhar...até porque tínhamos que redigir alguma coisa sobre a comunidade educativa, sobre o próprio decorrer do...do fazer do portfolio, houve uma cumplicidade muito grande entre o núcleo de estágio, foi um instrumento que permitiu uma interacção muito grande entre nós.

Além da reunião que se faz sempre após uma regência ou do aluno que está a fazer regência para nós dizermos quais são os aspectos positivos e negativos, havia sempre uma reflexão que ele faz para o portfolio, que tinha em consideração os aspectos enumerados pelos restantes elementos, acho que isso foi muito bom, muito positivo e permitiu que nós, que já nos conhecíamos, foi também foi também um motivo para que nós nos uníssemos mais a trabalhar neste, neste trabalho. Talvez se tem sido o dossier existiria um trabalho mais independente. Como foi o portfolio se calhar houve mais uma interacção e um inter-ajuda entre os elementos do estágio.

A - Queres acrescentar alguma coisa? Que não tenha sido referida?...

PeM - Só quero acrescentar mais uma coisa (pequena) que é: não sei se nos moldes em que as coisas estão actualmente se o portfolio é praticável, agora, no fundo, eu penso que deveria sê-lo, porque eu acho que é um instrumento muito importante e que permite – não só a nível do estágio como também da própria escolha de professores – que poderia ser uma coisa muito fundamental, que poderia substituir muitas burocracias que existem.

Porque não é a nota que condiciona o ser bom ou ser mau professor, talvez haja um aluno que a nível curricular tenha uma nota muito elevada e o seu desempenho na sala de aula seja nulo, e o portfolio permite, entre aspas, ver se o professor tem vocação que eu acho que é uma coisa muito importante para estar presente numa sala de aula. A nível curricular ele pode ser muito bom, e pode estar muito bem preparado a nível científico mas se não conseguir transmitir os conhecimentos que tem, não é importante. E a reflexão que é feita no portfolio permite saber se, não na totalidade, mas permite saber se a aprendizagem dos alunos é significativa se não.

A - Muito obrigado!

PeM - De nada!

V

Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas Relativas à Segunda Fase do Estudo

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário J

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário J
<p>CC1 – Benefícios (implicações positivas) do projecto de desenvolvimento do portefólio;</p>	<p>CR1 – Oportunidade para a reflexão sobre os vários aspectos da prática</p> <p>CR2 – Relação custo/benefício positiva</p> <p>CR3 – Permite uma avaliação mais autêntica</p> <p>CR4 – Mais representativo do trabalho do professor que o dossier de estágio</p>	<p>“... essa auto-reflexão que nós fazíamos permitia, em certa medida, emendar muitos erros cometidos, não só nas aulas seguintes, mas sobretudo, também ajustar as nossas estratégias, metodologias... no fundo, melhorar a nossa prática educativa.”</p> <p>“...foi o mais benéfico relativamente a este projecto, porque nos permitiu reflectir sobre a nossa prática e ajustar-se, naquilo que eu referi.”</p> <p>“Isto permite-nos, no fundo, fazer uma reflexão... não só da nossa prática mas também pensar de que modo é que a gente vai organizar...uma coisa representativa do melhor que a gente faz... isso parece que não, isso exige da nossa parte uma atenção muito mais poética, muito mais trabalhada, muito mais dedicada, digamos assim.”</p> <p>“Mas penso que o custo de benefício, aqui, é muito mais vantajoso do que a organização de um dossier tradicional.”</p>
<p>CC2 – Custos (implicações negativas) e pontos fracos do projecto de desenvolvimento do portefólio;</p>	<p>CR1 – Consome muito tempo e energia</p> <p>CR2 – Limitações de recursos inerentes à própria escola</p> <p>CR3 – Grelha de avaliação distribuída tardiamente</p> <p>CR1 – Documentação fornecida</p> <p>CR2 – Apoio do orientador da escola</p>	<p>“Em termos de tempo... em termos de tempo e energia, digamos assim, dedicação, é mais trabalhoso o portefólio... penso que sim, que seja mais trabalhoso.”</p> <p>“...as falhas que eu poderia apontar, são assuntos tudo ao nível da... da própria escola, digamos assim... a implementação de um projecto deste nível necessita de várias coisas, necessita primeiro que tudo que haja recursos disponíveis, do ponto de vista pedagógico...[...].porque é aí também que assentam muito as nossas estratégias, os modelos de ensino que a gente quer adoptar e adaptar aos próprios alunos, e se não houver é sempre mais limitativo.”</p> <p>“Acho que essa grelha devia ser distribuída mais atempadamente... se nós estamos numa situação específica, em que estamos a ser avaliados por aquilo, a pessoa que está ali, ou que pretende desenvolver um trabalho, necessita de saber até que ponto é que se está a desviar ou a aproximar daquilo que nos é exigido.”</p> <p>“...foi muito facilitada com os instrumentos a que nós tivemos acesso, nomeadamente as orientações, o perfil de competências, etc.”</p> <p>“...gostaria de destacar, sobretudo, o orientador da escola que foi incansável, nesse aspecto, interpretando sempre tudo connosco, nós liamos as orientações que tínhamos, interpretávamos... e sempre nos deu sugestões, sempre nos ajudou bastante dentro da perspectiva que ele também entendia.”</p> <p>“E penso que em termos de orientação, foi o único orientador que nos deu alguma coisa, porque dos outros orientadores..., uns porque não vieram, os outros porque vieram e não davam grande importância...”</p> <p>“...é importante... ter um orientador que esteja mais junto de nós e que nos estimule, que nos oriente e que nos informe...”</p>
<p>CC3 – Aspectos facilitadores do processo de desenvolvimento do portefólio;</p>	<p>CR3 – Apoio dentro do grupo de estágio</p>	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário J

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário J
CC4 – Obstáculos ao processo de desenvolvimento do portfolio;	CR1 – Falta de apoio dos orientadores da universidade	<p>“... isto já vem de há longo tempo, a gente já sabe que muitos dos orientadores não vêm cá... muito menos aqui a este nível, sendo uma inovação, se calhar muito menos apoio nos dariam, porque, se calhar nem eles próprios sabiam a maneira como implementar estas coisas...”</p> <p>“...penso que em certa medida estiveram um bocadinho desligados do estágio mas noutra medida também estiveram um bocado desligados do projecto...”</p>
	CR2 – Limitações de tempo na fase final	<p>“...no nosso caso, penso que a segunda [regência] foi tarde, foi tudo muito em cima e depois isso criou-nos uma série de problemas...”</p> <p>“...nós, acho que guardámos as coisas muito para o final ... do ano, e, depois, claro, começámos a sentir mais pressão, mais tempo apertado...”</p> <p>“... acaba por pensar, porque depois o tempo é muito limitado e, quando há limitações, uma pessoa, parece que... tem um bocado de dificuldade em pensar e pôr em prática aquilo que desenvolveu.”</p>
	CR3 – Falta de referências (portfolios já construídos)	
	CR4 – Falta de apoio do investigador	
CC5 – Sugestões para a melhoria do projecto;	CR1 – Dar mais tempo para o portfolio no final do ano	
	CR2 – Fazer incidir o portfolio sobre a primeira regência	<p>“...talvez fosse viável, mais viável desenvolver este trabalho, ou incluir essa parte da regência, a primeira regência... para evitar estas situações de programação no final, que depois cai tudo em cima e é um bocado complicado...”</p>
	CR3 – Incluir um menor número de aulas no portfolio	<p>“...se o número de aulas não for reduzido em termos de regências, pode trazer esses problemas, como causou este ano.”</p> <p>“...penso que não se deve ultrapassar, em termos de regências, é para constar uma regência no portfolio, não mais que dez aulas...”</p>
	CR4 – Fornecer exemplos de portfolios previamente construídos	<p>“Talvez fosse mais fácil. Porque quando há uma base de trabalho, mesmo que haja necessidade de fazer uma adaptação ao nosso sistema, nós temos sempre qualquer coisa em que já vimos... nós podemos retirar daqui algumas ideias, fazer uma adaptação específica... à nossa situação, à situação portuguesa, à situação do sistema educativo português.”</p>
	CR5 – Rever os itens a incluir	<p>“... uma vez que nos foi proposto um conjunto de itens, digamos assim, obrigatórios, penso que alguns itens deviam ser revistos. Há ali alguns itens que acabam por chocar uns com os outros...Sobretudo naquela parte da ... avaliação da aprendizagem, ...daquela outra da... da progressão... houve ali, ... penso que chocou um bocado uma coisa com a outra e isso, se calhar devia ser revisto e podia-se... até porque diminuiu o volume de trabalho...”</p>
	CR6 – Haver maior coordenação entre os orientadores	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário J

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário J
CC6 – Balanço global do projecto.	CRI – Balanço positivo	<p>“Eu acho que, em termos gerais, o projecto foi positivo. Fazendo um balanço, o projecto foi positivo e muito estimulante...”</p> <p>“...foi extremamente estimulante fazer um trabalho destes, sendo uma inovação, e quando é uma inovação há sempre erros, seja de que lado for, de todas as partes, mas pronto, foi estimulante, foi uma coisa diferente, apesar de uma pessoa estar a fazer um estágio e, depois acaba por... como acontece na nossa prática lectiva, quando as coisas funcionam bem e as inovações são bem entendidas, acho que assim é estimulante... Mas deu-nos muito trabalho...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário K

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário K
CC4 – Obstáculos ao processo de desenvolvimento do portfólio;	<p>CR1 – Falta de apoio dos orientadores da universidade</p> <p>CR2 – Limitações de tempo na fase final</p> <p>CR3 – Falta de referências (portfólios já construídos)</p> <p>CR4 – Falta de apoio do investigador</p>	<p>“...em relação a isto houve um problema: nós tínhamos tido imenso tempo para organizar um portfólio, só que, entretanto, não nos foi dito a data de entrega do portfólio. Foi o único problema que se levantou, foi esse. Porque nós tivemos mais que tempo suficiente para fazer o portfólio, acho que sim.”</p> <p>“...e pronto, teve de ser uma coisa mais ou menos feita à pressa e, eu sei que poderia ter feito muito melhor, não é?...”</p> <p>“Falta de referências... pois, nesse aspecto, foi um obstáculo, a falta de referência, a falta de um portfólio, como guião de base...”</p>
CC5 – Sugestões para a melhoria do projecto;	<p>CR1 – Dar mais tempo para o portfólio no final do ano</p> <p>CR2 – Fazer incidir o portfólio sobre a primeira regência</p> <p>CR3 – Incluir um menor número de aulas no portfólio</p> <p>CR4 – Fornecer exemplos de portfólios previamente construídos</p> <p>CR5 – Rever os itens a incluir</p> <p>CR6 – Haver maior coordenação entre os orientadores</p>	<p>“...por exemplo, [exemplos de portfólios]...Porque nós tivemos que construir, óbvio que tínhamos as orientações, mas tivemos que construir um, não é? Como nunca o tínhamos visto, tivemos que construir...”</p>
CC6 – Balanço global do projecto.	CR1 – Balanço positivo	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário K

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário K
CC1 – Benefícios (implicações positivas) do projecto de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Oportunidade para a reflexão sobre os vários aspectos da prática</p> <p>CR2 – Relação custo/benefício positiva</p> <p>CR3 – Permite uma avaliação mais autêntica</p> <p>CR4 – Mais representativo do trabalho do professor que o dossier de estágio</p>	<p>“Todos os dias e no decorrer da nossa experiência nós conseguimos reflectir sempre... O portefólio, ajuda-nos a desenvolver esse espírito... faz-nos interiorizar mais e desenvolver mais esse espírito crítico... em termos de reflexão...”</p> <p>“Eu acho que o espírito, o espírito do estágio é precisamente... pronto, o espírito que se deve adquirir é precisamente esse espírito reflexivo para procurar sempre melhorar o processo ensino-aprendizagem, não é?”</p> <p>“... como trabalho para avaliação é mais representativo [do trabalho desenvolvido]”</p> <p>“Acho que este portefólio é mais representativo do trabalho do professor do que é um normal dossier de estágio...”</p>
CC2 – Custos (implicações negativas) e pontos fracos do projecto de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Consome muito tempo e energia</p> <p>CR2 – Limitações de recursos inerentes à própria escola</p> <p>CR3 – Grelha de avaliação distribuída tardiamente</p>	<p>“De tempo, se calhar, em comparação com o normal dossier de estágio, leva mais tempo, porque nós temos que passar para o papel as nossas reflexões...”</p>
CC3 – Aspectos facilitadores do processo de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Documentação fornecida</p> <p>CR2 – Apoio do orientador da escola</p> <p>CR3 – Apoio dentro do grupo de estágio</p>	<p>“Em relação à organização do portefólio, porque nós tínhamos aqueles... pronto, aqueles tópicos que nos tinham dado e... mas só que nós tínhamos de organizar aqueles tópicos, de uma forma pessoal, não é?”</p> <p>“Em relação à orientação para um portefólio... bem, eu acho que o [orientador da escola] era o único orientador que estava mais desperto para a situação e foi aquele que nos orientou de melhor forma.”</p> <p>“...acho que há sempre dúvidas, só que isso depois foi resolvido dentro do grupo e organizado dentro do grupo...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário L

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário L
CC1 – Benefícios (implicações positivas) do projecto de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Oportunidade para a reflexão sobre os vários aspectos da prática</p> <p>CR2 – Relação custo/benefício positiva</p> <p>CR3 – Permite uma avaliação mais autêntica</p>	<p>“...em termos de reflexão, fazer uma reflexão pós-aula, ou, eventualmente, fazê-la de diferentes maneiras pode ser feita por escrito, podia ser feita também com uma gravação, mas não se criou essa situação também... mas penso que nesse aspecto é muito positivo fazer-se este tipo de reflexão...”</p>
	<p>CR4 – Mais representativo do trabalho do professor que o dossier de estágio</p>	<p>“...acho que o portefólio ajuda imenso é, tratando-se... até mesmo depois para análise... se for algo compilado e reflexivo ainda é melhor para que depois, eventualmente, no caso de orientadores que não venham à escola, se as situações se mantiverem, ajuda imenso, ajuda imenso nesse aspecto, porque está ali um documento compilado e reflexivo...”</p>
CC2 – Custos (implicações negativas) e pontos fracos do projecto de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Consome muito tempo e energia</p> <p>CR2 – Limitações de recursos inerentes à própria escola</p> <p>CR3 – Grelha de avaliação distribuída tardiamente</p>	
CC3 – Aspectos facilitadores do processo de desenvolvimento do portefólio;	<p>CR1 – Documentação fornecida</p> <p>CR2 – Apoio do orientador da escola</p> <p>CR3 – Apoio dentro do grupo de estágio</p>	<p>“...as orientações estavam boas, penso que estavam excelentes. Estava tudo explícito...”</p> <p>“...tendo as linhas orientadoras que eu acho que é o essencial é isso...”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário L

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário L
CC4 – Obstáculos ao processo de desenvolvimento do portefólio;	CR1 – Falta de apoio dos orientadores da universidade CR2 – Limitações de tempo na fase final	<p>“...um aspecto negativo que eu quero salientar, é ter sido na altura em que foi feito. Eu termino a minha regência dia 11 de Maio, e dia vinte e qualquer coisa tinha que estar a entregar o portefólio...”</p> <p>“...o [orientador pedagógico] que se queixou de não ter tido tempo, e é verdade, não teve, tem toda a razão... por isso mesmo, lá está, isto acaba por influenciar negativamente este aspecto, a questão de fazer-se com tempo, dar tempo para a reflexão, dar tempo para depois, os próprios orientadores analisarem o documento.”</p>
	CR3 – Falta de referências (portefólios já construídos)	<p>“...da tua parte, se calhar não houve, também, grande disponibilidade de tempo para estar mais em contacto conosco...[...].é complicado estar a dizer que devias ter estado mais, acho que não, acho que é injusto estar a dizer “é pá devias ter cá vindo”, acho que não...não sei pá, pró futuro, eventualmente, a pessoa que estivesse a coordenar uma coisa dessas ter tempo ela própria, dar-se tempo à pessoa também para acompanhar...”</p>
CC5 – Sugestões para a melhoria do projecto;	CR1 – Dar mais tempo para o portefólio no final do ano CR2 – Fazer incidir o portefólio sobre uma unidade desenvolvida mais cedo CR3 – Incluir um menor número de aulas no portefólio CR4 – Fornecer exemplos de portefólios já construídos CR5 – Rever os itens a incluir CR6 – Haver maior coordenação entre os orientadores	<p>“...nesse aspecto, acho que devem fomentar o portefólio, sim, mas também dar tempo...”</p> <p>“...ser numa subunidade inicial, num segundo período, eventualmente, não digo num primeiro, porque o professor ainda não tem um contacto com o aluno, não tem um conhecimento bem dos alunos, mas, se calhar, no início do segundo período...”</p> <p>“...tentar, por exemplo, se fosse implementado, tentar que as subunidades que os estagiários fossem dar fossem mais curtas, e eles depois tivessem mais tempo...”</p> <p>“...eventualmente ajudaria, não quer dizer que fosse fundamental...”</p> <p>“[o relacionamento com a comunidade escolar] Penso que é um parâmetro que, acho que, até, eventualmente, se poderia retirar do portefólio... bom, pode estar, sei lá como mais algum...”</p> <p>“... em termos de orientadores, haver um maior contacto, haver uma troca de ideias, portanto, e fazer uma maior análise... estar a trabalhar um para um lado, outro para o outro...”</p>
CC6 – Balanço global do projecto.	CR1 – Balanço positivo	<p>“...regra geral, penso que sim, é muito, é muito positivo este projecto.”</p> <p>“...em termos globais penso que é bastante positivo e dá-nos a ideia totalmente diferente das coisas.”</p>

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário M

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário M
CC1 – Benefícios (implicações positivas) do projecto de desenvolvimento do portefólio;	CR1 – Oportunidade para a reflexão sobre os vários aspectos da prática	<p>“...o portefólio é um instrumento muito válido no sentido que permite...ou permitiui-me...uma reflexão muito profunda e que eu pensava que estava a fazer e não estava...”</p> <p>“...permitted até mesmo reflectir sobre a forma que como eu reflectia...”</p> <p>“Quer dentro da sala de aula, quer após a sala de aula, quer em suma depois das aulas todas da regência foi um análise muito profundo e permitiui-me constatar que tenho certas lacunas que terei que melhorar e certos aspectos em que tenho bom desempenho.”</p> <p>“E o portefólio veio ajudar nesse sentido porque permitiui que a reflexão que eu fiz fosse mais aprofundada, até no pensar como pensam os alunos...”</p>
	CR2 – Relação custo/benefício positiva	<p>“A relação custo benefício é muito proveitosa porque com o portefólio a pessoa apercebe-se do trabalho que foi feito pelo aluno, porque (aluno, neste caso professor estagiário) porque está ali não só uma panóplia de recursos como também a explicação para esses próprios recursos.”</p>
	CR3 – Permite uma avaliação mais autêntica	<p>“...este documento permite ver o trabalho e a própria reflexão que o professor iniciante está a fazer, portanto, tendo um exemplo dos recursos por ele utilizados, a reflexão sobre esses recursos e sendo esse portefólio validado pelo orientador da escola julgo ser o suficiente para que seja possível uma avaliação.”</p> <p>“...ser uma hipótese para que eu me possa defender, com certeza, o recurso está lá e eu faço uma reflexão sobre aquele recurso...pode haver...pode ser subjectiva essa apreciação que eu faço, mas é no fundo a apreciação que eu faço, é a reflexão que eu faço, mas acho que é um elemento que permite justificar, sem dúvida, aquilo que eu realizei.”</p>
CC2 – Custos (implicações negativas) e pontos fracos do projecto de desenvolvimento do portefólio;	CR4 – Mais representativo do trabalho do professor que o dossier de estágio	
	CR1 – Consome muito tempo e energia	<p>“Em termos de energia foi necessário sim, um grande dispendio porque o portefólio foi realizado na segunda regência já muito no final do ano lectivo, nós tínhamos também muitas actividades, pronto, programadas no plano anual de actividades, para esta altura e houve realmente pouco tempo.”</p>
	CR2 – Limitações de recursos inerentes à própria escola	
	CR3 – Grelha de avaliação distribuída tardiamente	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário M

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário M
CC3 – Aspectos facilitadores do processo de desenvolvimento do portfólio;	CR1 – Documentação fornecida	“...eu acho que foi-nos fornecido tudo aquilo que necessitávamos para trabalhar até, a título de exemplo aqueles situações de Português-Inglês [reflexões de outros estagiários], entre outras coisas, acho que estava um trabalho muito bem desenvolvido.”
	CR2 – Apoio do orientador da escola	“...tinhamos ali tudo, acho que foi bastante útil e nada limitante.” “...o único orientador que desempenhou o papel dele foi sem dúvida o orientador da escola. Que se pode dizer que foi incansável, não só no documento [portfólio] em si mas também do desenrolar de todo o estágio.”
	CR3 – Apoio dentro do grupo de estágio	“...foi um instrumento que permitiu uma interacção muito grande entre nós, além daquela...da reunião que se faz sempre após uma regência ou do aluno que está a fazer regência para nós dizermos quais são os aspectos positivos e negativos, havia sempre uma reflexão que ele faz para o portfólio, que tinha em consideração os aspectos enumerados pelos restantes elementos, acho que isso foi muito bom, muito positivo...Talvez se tem sido o dossier existiria um trabalho mais independente. Como foi o portfólio se calhar houve mais uma interacção e um inter-ajuda entre os elementos do estágio.”
CC4 – Obstáculos ao processo de desenvolvimento do portfólio;	CR1 – Falta de apoio dos orientadores da universidade	“Em termos dos orientadores é que nós deveríamos ter sido um bocadito mais...devíamos de ter sido mais ajudados, digamos assim...”
	CR2 – Limitações de tempo na fase final	“...os orientadores científicos não deram muita importância, o orientador pedagógico também não deu muita importância e inclusive a avaliação que era para ter sido feita não chegou a ser feita...” “...e depois tínhamos uma semana ou nem isso para entregar, tínhamos sete dias, o portfólio foi feito em sete dias, praticamente, é claro que havia coisas que estavam feitas, havia transparências... os recursos, em termos de recursos, e as reflexões também estavam feitas mas dai a passar tudo para um documento elaborado demora o seu tempo...”
	CR3 – Falta de referências (portfólios já construídos)	
	CR4 – Falta de apoio do investigador	

Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Estagiário M

Categorias de Conteúdo	Categorias de Resposta	Exemplos de Citações do Professor Estagiário M
CC5 – Sugestões para a melhoria do projecto;	CR1 – Dar mais tempo para o portefólio no final do ano CR2 – Fazer incidir o portefólio sobre uma unidade desenvolvida mais cedo	<p>“E penso que, talvez, como não há tantas actividades no princípio do ano lectivo, talvez seja a melhor altura para se realizar o portefólio.”</p> <p>“Se houver tempo no final é melhor no tempo até pelo desempenho e pela reflexão que o professor faz. Porque eu, antecipadamente, assim que soube que ia fazer o portefólio e sabia que ele era da segunda regência eu na primeira regência tratei logo de fazer reflexões até para ver se era aquilo, se era apropriado, se era aquilo que era pedido, se estava a cumprir os itens todos que estavam no perfil e tudo mais.”</p>
	CR3 – Incluir um menor número de aulas no portefólio	
	CR4 – Fornecer exemplos de portefólios já construídos	
	CR5 – Rever os itens a incluir	
	CR6 – Haver maior coordenação entre os orientadores	
CC6 – Balanço global do projecto.	CR1 – Balanço positivo	<p>“Eu estou particularmente muito satisfeito com o projecto...”</p> <p>“...penso que, não só para mim mas para os outros que certamente já o disseram, foi muito interessante trabalhar [no projecto]...”</p>

VI

Orientações para a Construção do Portfolio

Orientações para a Construção do Portfolio

João Maria A. Grilo
Mestrado em Supervisão Pedagógica – Variante de Biologia /Geologia
Departamento de Pedagogia e Educação
Universidade de Évora

em colaboração com

Núcleo de Estágio da Escola Básica 2,3/S Dr. Hernâni Cidade – Redondo
Comissão de Estágios de Biologia e Geologia
Universidade de Évora

Évora, Setembro de 2000

Considerações prévias

As orientações aqui apresentadas, desenvolvidas no âmbito do projecto de dissertação “*Portfolios: o seu uso nos programas de estágio integrado (de Biologia/Geologia) como instrumento alternativo para uma formação reflexiva de professores*”, do Mestrado em Supervisão Pedagógica – Variante de Biologia/Geologia da Universidade de Évora, destinam-se a guiar os professores estagiários de Biologia e Geologia, da mesma universidade, que participam no projecto de desenvolvimento e utilização de um portfolio como instrumento alternativo para a formação e avaliação de professores iniciantes, no contexto do Estágio Pedagógico Integrado.

Na elaboração das presentes orientações para a construção do portfolio foram usados como referência os seguintes documentos:

- Os guiões para a construção dos portfolios desenvolvidos pelos professores iniciantes de Ciências no programa de formação inicial de professores no estado do Connecticut, Estados Unidos da América segundo o *Beginning Educator Support and Training (BEST) Program* do *Connecticut State Department of Education*.
- As orientações para a construção dos *portfolios* dos professores em formação através do *The California Formative Assessment & Support System for Teachers* do *California Department of Education*, *California Commission on Teacher Credentialing* e *California State University*
- O modelo de *portfolio* proposto por Wyatt e Looper (1999) no livro *So you have to have a portfolio: a teacher's guide to preparation and presentation*.
- O Perfil de Competências do Professor dos Ensinos Básico e Secundário (Competências que o Professor Estagiário deve demonstrar no final do Estágio Pedagógico) da Direcção Regional de Educação do Alentejo (DREA).
- O Instrumento de Avaliação Sumativa do Estágio Pedagógico Integrado na Licenciatura em Ensino de Biologia e Geologia – Área das Ciências da Educação do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

O que é um portfolio?

Para o professor em formação, o portfolio corresponde a uma colecção razoavelmente pequena e criteriosamente organizada de materiais e recursos educativos referentes, em grande parte, a uma determinada unidade ou subunidade didáctica por ele leccionada no âmbito do Estágio Pedagógico (regência).

Os recursos apresentados, por ele produzidos ou em colaboração com outros, devem ser representativos do seu trabalho, da sua progressão, da sua competência pedagógica, do seu conhecimento dos conteúdos que lecciona e de outros atributos pessoais e profissionais que contribuem para o tornar um melhor professor.

Para além dos materiais, o portfolio deve conter o conjunto das reflexões que o professor escreveu para os acompanhar.

Estrutura do portfolio - Itens a incluir

O portfolio é um instrumento com uma natureza dinâmica, promotora de uma personalização da sua estrutura e dos itens a incluir. Contudo, quando usado nos contextos de formação inicial de professores torna-se fundamental a clara definição de um corpo fundamental do portfolio a que todos os professores estagiários devem obedecer. Tal não impede que estes incluam no seu portfolio outros itens não especificados, demonstrativos dos seus interesses, aptidões ou experiências e que contribuam para o enriquecimento do mesmo. A personalização do portfolio não só é permitida como é recomendada.

Assim, consideramos que a estrutura geral do portfolio deve obedecer aos seguintes itens:

1. Nota introdutória
2. Reflexão autobiográfica
3. Enquadramento conceptual ou filosofia de ensino (*philosophical statement*)
4. Objectivos a curto, médio e longo prazo
5. Prática pedagógica
 - 5.1. Planificação de uma unidade ou subunidade didáctica (Regência)
 - 5.2. Análise da qualidade do ensino
 - 5.3. Análise da aprendizagem dos alunos
6. Relacionamento com a comunidade escolar
 - 6.1. Relacionamento com os alunos
 - 6.2. Relacionamento com o núcleo de estágio
 - 6.3. Relacionamento com pais e encarregados de educação
 - 6.4. Relacionamento com os restantes elementos da comunidade escolar
7. Dados Adicionais

Estrutura do portfólio - Descrição**1. Nota introdutória**

Contexto em que o portfólio foi produzido (espaço e tempo), descrição geral do mesmo e finalidades da sua construção.

2. Reflexão autobiográfica

Reflexão sobre os momentos mais significativos dos seus percursos pessoais e profissionais. Quais os caminhos que o trouxeram até aqui e porquê.

3. Enquadramento conceptual ou filosofia de ensino (*philosophical statement*)

Reflexão sobre a sua visão pessoal do ensino. O modo como se posiciona relativamente ao papel do professor, ao papel do aluno, ao modo como os alunos aprendem. Num contexto mais amplo, o que é para si a educação e qual o seu papel.

O modo como os posicionamentos anteriormente definidos e as suas características pessoais influenciam a sua forma de estar na sala de aula. O que espera que os seus alunos aprendam consigo. Como identifica e encara as dificuldades dos alunos e como adapta o seu ensino a todos os alunos.

O enquadramento conceptual deve dar resposta a todas estas questões, bem como a outras que considere importantes para o caracterizar enquanto professor em toda a sua dimensão. Não considere nenhuma das suas facetas ou aptidões enquanto professor como vulgares, rotineiras ou desinteressantes. São todas elas que, no conjunto, fazem de si um professor único.

Estrutura do portfolio - Descrição

Esta reflexão pode e deve ser refinada e a melhor forma de o fazer é através da colaboração. Discuta-a com os seus colegas e orientadores.

Alguns exemplos de questões para reflexão:

- *O que entendo por processo de ensino?*
- *De que modo eu facilito este processo enquanto professor?*
- *O que entendo por processo de aprendizagem?*
- *O que é que acontece numa situação de aprendizagem?*
- *De que modo(s) se reflecte o meu enquadramento conceptual na sala de aula?*
- *De que modo as minhas características pessoais ou as dos meus alunos influenciam a forma como ensino?*
- *O que espero que os meus alunos aprendam comigo? Porquê?*
- *De que modo encaro as diferenças entre os alunos?*

Competências a demonstrar:

- **(G₁)** Reflecte, continuamente, sobre a sua prática profissional, procurando melhorar a aprendizagem dos seus alunos e o seu próprio ensino.
- **(G₂)** Reflecte, continuamente, sobre si, enquanto pessoa e professor, demonstrando capacidade de auto-crítica e hetero-crítica.
- **(G₃)** Estabelece objectivos e metas profissionais a alcançar e procura activamente oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional (acções de formação, cursos, *workshops*, etc.).

4. Objectivos a curto, médio e longo prazo

Reflexão sobre os objectivos que se propõe alcançar, a curto, médio e longo-prazo, para o seu desenvolvimento enquanto professor e enquanto pessoa. Quais os principais desafios que prevê enfrentar no seu desenvolvimento pessoal e profissional e como conta actuar perante eles.

Estrutura do portfólio - Descrição

5. Prática Pedagógica	O que fazer	O que apresentar	Exemplos de questões para reflexão	Competências a demonstrar
<p>5.1. Planificação de uma subunidade didáctica (Regência)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Seleccionar uma das possíveis subunidades (regências); • Seleccionar uma turma em que será leccionada a subunidade; • Caracterizar os alunos da turma seleccionada; • Manter um diário dos acontecimentos da aula e da aprendizagem dos alunos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Objectivos da subunidade (objectivos gerais, domínio afectivo e psicomotor); • Esquema conceptual; • Pré-requisitos; • Planificação a médio-prazo; • Diários de aula; • Materiais e recursos produzidos para a subunidade; • Caracterização dos alunos da turma; • Bibliografia 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O que quero que os seus alunos saibam e sejam capazes de fazer?</i> • <i>Que importância é que isso tem?</i> • <i>De que modo está esta unidade ligada com aprendizagens anteriores e futuras?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • (A₁) Desenvolve os vários componentes da planificação com base nas orientações programáticas do Programa da disciplina que lecciona, especificamente no que respeita a finalidades, objectivos gerais, conteúdos, sugestões metodológicas, planeamento didáctico e avaliação. • (A₂) Articula os vários componentes da planificação de forma apropriada, tendo em conta as necessidades, interesses e motivações dos alunos, os seus conhecimentos prévios e as aulas anteriores e posteriores. • (A₃) Define os objectivos gerais e específicos da disciplina que lecciona, de uma forma clara e precisa. • (A₄) Conceptualiza estratégias e actividades de aprendizagem originais e adequadas ao grupo-turma, que envolvam recursos educativos adequados, diversificados e com criatividade, incluindo as Tecnologias de Informação e Comunicação. • (E₁) Caracteriza sócio-economicamente os alunos, identificando o seu percurso escolar (em especial nas disciplinas de Ciências da natureza), as suas principais lacunas, erros e dificuldades de aprendizagem, usando o maior número possível de fontes de informação;

Estrutura do portfólio – Descrição

5. Prática Pedagógica	O que fazer	O que apresentar	Exemplos de questões para reflexão	Competências a demonstrar
5.2. Análise da qualidade do ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Gravar em vídeo uma aula “normal”; • Gravar em vídeo uma aula em que seja desenvolvido trabalho experimental ou de grupo; • Analisar a qualidade da aprendizagem dos alunos nestes dois tipos de aulas; • Analisar a eficácia do seu ensino, baseando-se na aprendizagem dos alunos; • Descrever os aspectos do seu ensino que gostaria de melhorar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gravações vídeo das duas aulas ou segmentos das mesmas; • Comentário sobre a aprendizagem dos alunos durante estas aulas; • Reflexão sobre a qualidade do seu ensino; 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>De que modo a estrutura das minhas aulas contribuiu para criar um ambiente de aprendizagem?</i> • <i>De que evidências da aprendizagem dos alunos disponho?</i> • <i>Que alterações nas minhas aulas? O que faria de modo diferente? Porquê?</i> • <i>Através desta unidade, o que é que aprendi sobre os meus alunos e sobre mim como professor?</i> • <i>Em termos globais, que modificações faria na planificação e apresentação desta unidade na próxima vez que a leccionasse? Porquê?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • (B₁) Demonstra verdadeiro conhecimento dos conteúdos científicos, da natureza da ciência e sua história, e da relação da Ciência com a Tecnologia e a Sociedade. • (B₂) Aplica, e promove na prática diária, os processos metodológicos da construção do conhecimento científico bem como os comportamentos e as atitudes científicas. • (B₃) Revela actualização científica e cultural e o uso de uma linguagem científica adequada. • (B₄) Estabelece a adequada conexão entre os diversos conceitos e processos biológicos vs. geológicos e entre estes e os conceitos de outras áreas (química, física, matemática, geografia física, etc.). • (C₁) Aplica, adequadamente, vários modelos de ensino, com especial ênfase na resolução de problemas, inquérito científico, mudança conceptual, formação de conceitos e organizador prévio. • (C₂) Aplica, correctamente, várias técnicas de ensino (v.g., trabalhos individuais, em diáde ou em grupo, debates, <i>role-playing</i>, <i>posters</i>, dramatizações, técnicas de desenvolvimento de capacidades específicas; • (C₃) Explora apropriadamente os recursos educativos previstos, com particular relevo para as Tecnologias de Informação e Comunicação; • (D₁) Cria, na sala de aula, um clima que promova os valores da justiça, da liberdade e do respeito pela dignidade da pessoa sem discriminação de sexo, idade, raça, etnia ou cultura.

Estrutura do portfólio – Descrição

5. Prática Pedagógica	O que fazer	O que apresentar	Exemplos de questões para reflexão	Competências a demonstrar
5.2. Análise da qualidade do ensino				<ul style="list-style-type: none"> • (D₂) Promove actividades que fomentem o desenvolvimento social dos alunos, assim como o seu sentido de responsabilidade e cooperação. • (D₃) Promove a transferibilidade das aprendizagens para os problemas do quotidiano. • (D₄) Revela capacidade de organizar, na sala de aula, as relações de comunicação inter-pares, estabelecendo, em acordo com os alunos, diversas regras de trabalho e funcionamento. • (D₅) Faz uma gestão correcta do tempo de aula bem como dos vários momentos da mesma (com destaque para o início e conclusão da aula). • (D₆) Usa a autoridade e os vários tipos de liderança de uma forma equilibrada e propícios ao momento, resolvendo apropriadamente desorganizações pedagógicas e conflitos na sala de aula ou no seu exterior (problemas de comunicação e comportamentais). • (E₂) Envolve os alunos na avaliação do seu desenvolvimento relativo ao comportamento na sala de aula a ao conhecimento, às capacidades, e às atitudes em relação à disciplina. • (E₄) Comunica aos alunos, de forma conveniente, os seus resultados da avaliação, proporcionando <i>feed-back</i> válido para as aprendizagens futuras. • (G₄) Apresenta capacidades de autonomia, iniciativa, dinamização, sentido de responsabilidade e empenhamento.

Estrutura do portfólio - Descrição

	O que fazer	O que apresentar	Exemplos de questões para reflexão	Competências a demonstrar
<p>5. Prática Pedagógica</p> <p>5.3. Análise da aprendizagem dos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> Recolher todo o trabalho desenvolvido por dois alunos da turma durante a unidade; Analisar os progressos na aprendizagem destes alunos; 	<ul style="list-style-type: none"> Os trabalhos dos dois alunos (fichas, testes, etc.); Avaliação detalhada da aprendizagem dos alunos; 	<ul style="list-style-type: none"> <i>O que é que aprendi sobre os conhecimentos e capacidades dos alunos observando o seu desempenho?</i> <i>Que efeitos tem o meu ensino sobre os meus alunos? Como posso mostrar isso?</i> <i>O que é que o desempenho dos meus alunos me diz sobre o meu ensino?</i> <i>Com base nesse conhecimento, de que modo modificaria o meu ensino? Porquê?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> (E₁) Caracteriza socio-economicamente os alunos, identificando o seu percurso escolar (em especial nas disciplinas de Ciências da Natureza), diagnosticando as suas principais lacunas, erros e dificuldades de aprendizagem, usando o maior número possível de fontes de informação. (E₂) Define previamente os critérios de avaliação, negociando-os com os alunos e assumindo os compromissos encontrados. (E₃) Utiliza os resultados da avaliação como elemento regulador do processo de ensino-aprendizagem. (G₁) Reflete, continuamente, sobre a sua prática profissional, procurando melhorar a aprendizagem dos seus alunos e o seu próprio ensino.

Estrutura do portfolio - Descrição**6. Relacionamento com a comunidade escolar****6.1. Relacionamento com os alunos****6.2. Relacionamento com o núcleo de estágio****6.3. Relacionamento com pais e encarregados de educação****6.4. Relacionamento com os restantes elementos da comunidade escolar**

Reflexões, apropriadamente documentadas, sobre o seu grau de integração, relacionamento e envolvimento com cada um dos grupos acima definidos.

O relacionamento com os pais e encarregados de educação deve ser encarado no âmbito do trabalho desenvolvido no acompanhamento de uma Direcção de Turma).

Competências a demonstrar:

- **(E₆)** Atende os alunos individualmente na aula, e em situações extra-aula quando é necessário, respondendo, correcta e eficazmente, às suas solicitações.
- **(F₁)** Cooperar com os demais professores do núcleo de estágio, demonstrando integração plena e capacidade de trabalhar em grupo.
- **(F₂)** Cooperar com os demais professores e agentes educativos para uma convergência de atitudes com vista à formação integral do aluno.
- **(F₃)** Promove e dinamiza actividades, projectos e programas de animação entre a escola, os pais, encarregados de educação e a comunidade escolar envolvente.

Estrutura do portfolio - Descrição**7. Dados Adicionais**

Nesta categoria podem ser incluídos itens não especificados nas restantes categorias, e que considere poderem contribuir para o enriquecimento do seu portfolio.

Podem ser apresentadas evidências de, por exemplo:

- Experiências profissionais prévias (relacionadas ou não com o ensino);
- Cursos, *workshops* ou acções de formação frequentados;
- Trabalho associativo ou voluntário desenvolvido;
- Participações em conferências, seminários, palestras, etc.;
- Associações profissionais ou científicas a que pertence;
- Trabalhos publicados.

Apresentação do portfolio

O seu portfolio deve ter como suporte uma pasta ou dossier que permita que todos os seus componentes sejam apresentados em formato A4.

A organização interna do portfolio deve ser feita de modo a permitir a fácil identificação, visualização e acesso a todos os itens incluídos.

Todos os restantes aspectos relativos à apresentação do portfolio são deixados ao seu critério.

Antes de começar...

Antes de iniciar a construção do seu portfolio reflita um pouco sobre as seguintes questões:

- *O que é que eu quero que o meu portfolio mostre de mim enquanto professor?*
- *O que é que eu quero que o meu portfolio mostre de mim enquanto pessoa?*
- *Qual é o propósito da construção do meu portfolio?*
- *Quais os itens obrigatórios que devo incluir?*
- *Quais os itens opcionais que pretendo incluir?*
- *O que é que já tenho para incluir no meu portfolio?*
- *O que é que ainda preciso de recolher?*
- *Como vou apresentar o meu portfolio?*

VII

Perfil de Desempenho do Professor Estagiário

Perfil de competências¹

A demonstrar no final do Estágio Pedagógico Integrado
na
Licenciatura em Ensino de Biologia e Geologia da Universidade de Évora

No final do Estágio Pedagógico o professor estagiário deve demonstrar a sua competência nas seguintes áreas:

A. Planificar o ensino-aprendizagem e desenhar estratégias e actividades

B. Conhecer e organizar os conteúdos científicos

C. Conhecer e aplicar modelos, métodos e técnicas de ensino diversificados

D. Criar e manter um bom ambiente de aprendizagem

E. Envolver e apoiar todos os alunos na aprendizagem

F. Envolver-se com a comunidade escolar e promover a sua dinamização

G. Crescer e desenvolver-se como profissional e educador

¹ Definido com base nos seguintes documentos:

- Instrumento de Avaliação Sumativa do Estágio Pedagógico Integrado do 11º Grupo B da Direcção Regional de Educação do Alentejo (DREA).
- Instrumento de Avaliação Sumativa do Estágio Pedagógico Integrado na Licenciatura em Ensino de Biologia e Geologia – Área das Ciências da Educação do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.
- The Connecticut Common Core of Teaching (Teaching Competency Standards) do Connecticut State Department of Education, Division of Evaluation and Research, Bureau of Program and Teacher Evaluation.
- California Standards for the Teaching Profession do California State Board of Education, California Commission on Teacher Credentialing.

A. Planificar o ensino-aprendizagem e desenhar estratégias e actividades

- (A₁) Desenvolve os vários componentes da planificação com base nas orientações programáticas do Programa da disciplina que lecciona, especificamente no que respeita a finalidades, objectivos gerais, conteúdos, sugestões metodológicas, planeamento didáctico e avaliação.
- (A₂) Articula os vários componentes da planificação de forma apropriada, tendo em conta as necessidades, interesses e motivações dos alunos, os seus conhecimentos prévios e as aulas anteriores e posteriores.
- (A₃) Define os objectivos gerais e específicos da disciplina que lecciona, de uma forma clara e precisa.
- (A₄) Conceptualiza estratégias e actividades de aprendizagem originais e adequadas ao grupo-turma, que envolvam recursos educativos adequados, diversificados e com criatividade, incluindo as Tecnologias de Informação e Comunicação.

B. Conhecer e organizar os conteúdos científicos

- (B₁) Demonstra verdadeiro conhecimento dos conteúdos científicos, da natureza da ciência e sua história, e da relação da Ciência com a Tecnologia e a Sociedade.
- (B₂) Aplica, e promove na prática diária, os processos metodológicos da construção do conhecimento científico bem como os comportamentos e as atitudes científicas.
- (B₃) Revela actualização científica e cultural e o uso de uma linguagem científica adequada.
- (B₄) Estabelece a adequada conexão entre os diversos conceitos e processos biológicos vs. geológicos e entre estes e os conceitos de outras áreas (química, física, matemática, geografia física, etc.).

C. Conhecer e aplicar modelos, métodos e técnicas de ensino diversificados

- (C₁) Aplica, adequadamente, vários modelos de ensino, com especial ênfase na resolução de problemas, inquérito científico, mudança conceptual, formação de conceitos e organizador prévio.
- (C₂) Aplica, correctamente, várias técnicas de ensino (v.g., trabalhos individuais, em díade ou em grupo, debates, *role-playing*, *posters*, dramatizações e técnicas de desenvolvimento de capacidades específicas).
- (C₃) Explora apropriadamente os recursos educativos previstos, com particular relevo para as Tecnologias de Informação e Comunicação.
- (C₄) Desenvolve uma metodologia fundamentada e diversificada nas várias actividades práticas quer sejam de natureza investigativa ou interpretativas.

D. Criar e manter um bom ambiente de aprendizagem

- (D₁) Cria, na sala de aula, um clima que promova os valores da justiça, da liberdade e do respeito pela dignidade da pessoa sem discriminação de sexo, idade, raça, etnia ou cultura.
- (D₂) Promove actividades que fomentem o desenvolvimento social dos alunos, assim como o seu sentido de responsabilidade e cooperação.
- (D₃) Promove a transferibilidade das aprendizagens para os problemas do quotidiano.
- (D₄) Revela capacidade de organizar, na sala de aula, as relações de comunicação inter-pares, estabelecendo, em acordo com os alunos, diversas regras de trabalho e funcionamento.
- (D₅) Faz uma gestão correcta do tempo de aula bem como dos vários momentos da mesma (com destaque para o início e conclusão da aula)
- (D₆) Usa a autoridade e os vários tipos de liderança de uma forma equilibrada e propícios ao momento, resolvendo apropriadamente desorganizações pedagógicas e conflitos na sala de aula ou no seu exterior (problemas de comunicação e comportamentais).

E. Envolver e apoiar todos os alunos na aprendizagem

- **(E₁)** Caracteriza socio-economicamente os alunos, identificando o seu percurso escolar (em especial nas disciplinas de Ciências da Natureza), diagnosticando as suas principais lacunas, erros e dificuldades de aprendizagem, usando o maior número possível de fontes de informação;
- **(E₂)** Envolve os alunos na avaliação do seu desenvolvimento relativo ao comportamento na sala de aula e ao conhecimento, às capacidades, e às atitudes em relação à disciplina.
- **(E₃)** Define previamente os critérios de avaliação, negociando-os com os alunos e assumindo os compromissos encontrados.
- **(E₄)** Comunica aos alunos, de forma conveniente, os seus resultados da avaliação, proporcionando *feed-back* válido para as aprendizagens futuras.
- **(E₅)** Utiliza os resultados da avaliação como elemento regulador do processo de ensino-aprendizagem.
- **(E₆)** Atende os alunos individualmente na aula, e em situações extra-aula quando é necessário, respondendo, correcta e eficazmente, às suas solicitações.

F. Envolver-se com a comunidade escolar e promover a sua dinamização

- **(F₁)** Cooperar com os demais professores do núcleo de estágio, demonstrando integração plena e capacidade de trabalhar em grupo.
- **(F₂)** Cooperar com os demais professores e agentes educativos para uma convergência de atitudes com vista à formação integral do aluno.
- **(F₃)** Promove e dinamiza actividades, projectos e programas de animação entre a escola, os pais, encarregados de educação e a comunidade envolvente.

G. Crescer e desenvolver-se como profissional e educador

- **(G₁)** Reflete, continuamente, sobre a sua prática profissional, procurando melhorar a aprendizagem dos seus alunos e o seu próprio ensino.
- **(G₂)** Reflete, continuamente, sobre si, enquanto pessoa e professor, demonstrando capacidade de auto-crítica e hetero-crítica.
- **(G₃)** Estabelece objectivos e metas profissionais a alcançar e procura activamente oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional (acções de formação, cursos, *workshops*, etc.).
- **(G₄)** Apresenta capacidades de autonomia, iniciativa, dinamização, sentido de responsabilidade e empenhamento.

VIII

Grelha de Avaliação do Professor Estagiário com
Recurso ao Portfolio

Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfolio

João Maria A. Grilo
Mestrado em Supervisão Pedagógica – Variante de Biologia /Geologia
Departamento de Pedagogia e Educação
Universidade de Évora

em colaboração com

Núcleo de Estágio da Escola Secundária Hernani Cidade – Redondo
Comissão de Estágios de Biologia e Geologia
Universidade de Évora

Évora, Abril de 2001

I Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfolio

Núcleo de Estágio	
Professor estagiário	
Supervisor	
Data	

Instruções:

a) Para os pontos 1. e 2. classificar com um nível inteiro, na escala de [1; 5], de acordo com a seguinte discriminação:

«1» - Inadequado(a); «2» - Pouco adequado(a); «3» - Adequado(a); «4» - Bom; «5» - Excelente

b) Para o ponto 3. classificar cada parâmetro com um nível inteiro, na escala de [1; 5], de acordo com a seguinte discriminação:

«1» - Nunca; «2» - Raramente; «3» - Por vezes; «4» - Frequentemente; «5» - Sempre

c) Para o ponto 4. classificar o parâmetro com um nível inteiro, na escala de [1; 5], de acordo com a seguinte discriminação:

«1» - Nenhuma progressão; «2» - Pequena progressão; «3» - Razoável progressão; «4» - Boa progressão; «5» - Excelente progressão.

d) A nota final (N.F.), na escala [0; 20], valores será encontrada através da seguinte fórmula:

$$N.F. = 4 \times (\text{Campo 1} + \text{Campo 2} + \text{Campo 3} + \text{Campo 4} + \text{Campo 5} + \text{Campo 6} + \text{Campo 7} + \text{Campo 8} + \text{Campo 9} + \text{Campo 10})$$

1. Organização geral do portfolio

Nível		
<input type="checkbox"/> Inadequada – Muitos dos itens fundamentais não estão presentes. A documentação relativa aos itens apresentados é inadequada ou escassa. O portfolio apresenta-se mal organizado, sendo bastante difícil identificar, visualizar ou aceder aos itens incluídos. A apresentação do portfolio é muito pouco cuidada e pouco atractiva.	▼	
<input type="checkbox"/> Pouco adequada – Alguns dos itens fundamentais não estão presentes. A documentação apresentada para os itens incluídos é pouco relevante ou limitada. O portfolio apresenta falhas de organização, sendo de difícil consulta. A apresentação do portfolio é pouco cuidada ou pouco atractiva.		
<input type="checkbox"/> Adequada – Todos os itens fundamentais estão presentes. É apresentada documentação relevante para cada item. O portfolio está organizado de forma adequada, permitindo a identificação, visualização e acesso a todos os itens incluídos. A apresentação do portfolio é cuidada, atractiva e personalizada.		
<input type="checkbox"/> Boa – Todos os itens estão bem representados. É apresentada documentação particularmente relevante para cada item. O portfolio está bem organizado, permitindo a fácil identificação, visualização e acesso a todos os itens incluídos. A apresentação do portfolio é bastante cuidada e atractiva e muito personalizada.		
<input type="checkbox"/> Excelente – Todos os itens estão meticulosamente representados. É apresentada documentação particularmente relevante para cada item. O portfolio está cuidadosamente organizado, permitindo a fácil identificação, visualização e acesso a todos os itens incluídos. A apresentação do portfolio é particularmente cuidada e atractiva e revela grande empenhamento pessoal.	▼	
Campo 1	▶ <i>Nível x C.P. 0,05</i>	

3 Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfólio

2. Enquadramento Conceptual (Filosofia de ensino)

Nível	
<input type="checkbox"/> Inadequado – Escrito de forma pouco clara, revela fraco conhecimento e compreensão das questões educacionais e com ausência de posicionamento pessoal perante estas. Capacidade de reflexão crítica sobre si, as suas práticas e o seu crescimento profissional não demonstrada.	▼
<input type="checkbox"/> Pouco adequado – Escrito de forma pouco clara, revela pouco conhecimento ou pouca compreensão das questões educacionais e com posicionamento pessoal perante estas ausente ou pouco claro. Capacidade de reflexão crítica sobre si, as suas práticas e o seu crescimento profissional pouco evidenciada ou não demonstrada.	
<input type="checkbox"/> Adequado - Bem escrito, mostra compreensão das questões educacionais e reflecte a posição pessoal do professor em relação ao ensino e à educação. Evidência capacidade de reflexão crítica sobre si, sobre as suas práticas e sobre o seu crescimento profissional.	
<input type="checkbox"/> Bom - Bem escrito, mostra boa compreensão das questões educacionais e reflecte claramente a posição pessoal do professor em relação ao ensino e à educação. Evidência grande capacidade de reflexão crítica sobre si, sobre as suas práticas e sobre o seu crescimento profissional.	
<input type="checkbox"/> Excelente - Para além de estar bem escrito o enquadramento conceptual mostra profunda compreensão das questões educacionais e reflecte claramente a posição pessoal do professor em relação ao ensino e à educação. Evidência grande capacidade de reflexão crítica sobre si, sobre as suas práticas e sobre o seu crescimento profissional.	▼

Campo 2

▶ *Nível x C.P. 0,05*

3. Competências demonstradas

Área A: Planificar o ensino-aprendizagem e desenhar estratégias e actividades

Competências	Níveis
(A ₁) Desenvolve os vários componentes da planificação com base nas orientações programáticas do Programa da disciplina que lecciona, especificamente no que respeita a finalidades, objectivos gerais, conteúdos, sugestões metodológicas, planeamento didáctico e avaliação.	
(A ₂) Articula os vários componentes da planificação de forma apropriada, tendo em conta as necessidades, interesses e motivações dos alunos, os seus conhecimentos prévios e as aulas anteriores e posteriores.	
(A ₃) Define os objectivos gerais e específicos da disciplina que lecciona, de uma forma clara e precisa.	
(A ₄) Conceptualiza estratégias e actividades de aprendizagem originais e adequadas ao grupo-turma, que envolvam recursos educativos adequados, diversificados e com criatividade, incluindo as Tecnologias de Informação e Comunicação.	
Média aritmética da Área A	
Campo 3	Média aritmética da Área A x C.P. 0,15

Área B: Conhecer e organizar os conteúdos científicos

Competências	Níveis
(B ₁) Demonstra verdadeiro conhecimento dos conteúdos científicos, da natureza da ciência e sua história, e da relação da Ciência com a Tecnologia e a Sociedade.	
(B ₂) Aplica, e promove na prática diária, os processos metodológicos da construção do conhecimento científico bem como os comportamentos e as atitudes científicas.	
(B ₃) Revela actualização científica e cultural e o uso de uma linguagem científica adequada.	
(B ₄) Estabelece a adequada conexão entre os diversos conceitos e processos biológicos vs. geológicos e entre estes e os conceitos de outras áreas (química, física, matemática, geografia física, etc.).	
Média aritmética da Área B	
Campo 4	Média aritmética da Área B x C.P. 0,10

5 Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfolio

Área C: Conhecer e aplicar modelos, métodos e técnicas de ensino diversificados

Competências		Níveis
(C ₁) Aplica, adequadamente, vários modelos de ensino, com especial ênfase na resolução de problemas, inquérito científico, mudança conceptual, formação de conceitos e organizador prévio.		
(C ₂) Aplica, correctamente, várias técnicas de ensino (v.g., trabalhos individuais, em díade ou em grupo, debates, <i>role-playing</i> , <i>posters</i> , dramatizações e técnicas de desenvolvimento de capacidades específicas).		
(C ₃) Explora apropriadamente os recursos educativos previstos, com particular relevo para as Tecnologias de Informação e Comunicação.		
(C ₄) Desenvolve uma metodologia fundamentada e diversificada nas várias actividades práticas quer sejam de natureza investigativa ou interpretativas.		
Média aritmética da Área C		
Campo 5	Média aritmética da Área C x C.P. 0,10	

Área D: Criar e manter um bom ambiente de aprendizagem

Competências		Níveis
(D ₁) Cria, na sala de aula, um clima que promova os valores da justiça, da liberdade e do respeito pela dignidade da pessoa sem discriminação de sexo, idade, raça, etnia ou cultura.		
(D ₂) Promove actividades que fomentem o desenvolvimento social dos alunos, assim como o seu sentido de responsabilidade e cooperação.		
(D ₃) Promove a transferibilidade das aprendizagens para os problemas do quotidiano.		
(D ₄) Revela capacidade de organizar, na sala de aula, as relações de comunicação inter-pares, estabelecendo, em acordo com os alunos, diversas regras de trabalho e funcionamento.		
(D ₅) Faz uma gestão correcta do tempo de aula bem como dos vários momentos da mesma (com destaque para o início e conclusão da aula).		
(D ₆) Usa a autoridade e os vários tipos de liderança de uma forma equilibrada e propícios ao momento, resolvendo apropriadamente desorganizações pedagógicas e conflitos na sala de aula ou no seu exterior (problemas de comunicação e comportamentais).		
Média aritmética da Área D		
Campo 6	Média aritmética da Área D x C.P. 0,15	

Área E: Envolver e apoiar todos os alunos na aprendizagem

Competências	Níveis
(E ₁) Caracteriza socio-economicamente os alunos, identificando o seu percurso escolar (em especial nas disciplinas de Ciências da Natureza), diagnosticando as suas principais lacunas, erros e dificuldades de aprendizagem, usando o maior número possível de fontes de informação.	
(E ₂) Envolve os alunos na avaliação do seu desenvolvimento relativo ao comportamento na sala de aula e ao conhecimento, às capacidades, e às atitudes em relação à disciplina.	
(E ₃) Define previamente os critérios de avaliação, negociando-os com os alunos e assumindo os compromissos encontrados.	
(E ₄) Comunica aos alunos, de forma conveniente, os seus resultados da avaliação, proporcionando <i>feed-back</i> válido para as aprendizagens futuras.	
(E ₅) Utiliza os resultados da avaliação como elemento regulador do processo de ensino-aprendizagem.	
(E ₆) Atende os alunos individualmente na aula, e em situações extra-aula quando é necessário, respondendo, correcta e eficazmente, às suas solicitações.	
Média aritmética da Área E	
Campo 7	Média aritmética da Área E x C.P. 0,15

Área F: Envolver-se com a comunidade escolar e promover a sua dinamização

Competências	Níveis
(F ₁) Cooperar com os demais professores do núcleo de estágio, demonstrando integração plena e capacidade de trabalhar em grupo.	
(F ₂) Cooperar com os demais professores e agentes educativos para uma convergência de atitudes com vista à formação integral do aluno.	
(F ₃) Promove e dinamiza actividades, projectos e programas de animação entre a escola, os pais, encarregados de educação e a comunidade envolvente.	
Média aritmética da Área F	
Campo 8	Média aritmética da Área F x C.P. 0,10

7 Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfolio

Área G: Crescer e desenvolver-se como profissional e educador

Competências		Níveis
(G ₁) Reflete, continuamente, sobre a sua prática profissional, procurando melhorar a aprendizagem dos seus alunos e o seu próprio ensino.		
(G ₂) Reflete, continuamente, sobre si, enquanto pessoa e professor, demonstrando capacidade de auto-crítica e hetero-crítica.		
(G ₃) Estabelece objectivos e metas profissionais a alcançar e procura activamente oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional (acções de formação, cursos, <i>workshops</i> , etc.).		
(G ₄) Apresenta capacidades de autonomia, iniciativa, dinamização, sentido de responsabilidade e empenhamento.		
Média aritmética da Área G		
Campo 9	Média aritmética da Área G x C.P. 0,1	

4. Progressão ao longo do ano

		Nível
Campo 10	Nível x C.P. 0,05	

8 Grelha de Avaliação do Professor Estagiário através do Portfolio

Nota final

Campo 1	<input type="text"/>
	+
Campo 2	<input type="text"/>
	+
Campo 3	<input type="text"/>
	+
Campo 4	<input type="text"/>
	+
Campo 5	<input type="text"/>
	+
Campo 6	<input type="text"/>
	+
Campo 7	<input type="text"/>
	+
Campo 8	<input type="text"/>
	+
Campo 9	<input type="text"/>
	+
Campo 10	<input type="text"/>
	=
	<input type="text"/>
	x 4 =
	<input type="text"/>